

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**TALITA ALMEIDA FERNANDES**

**O ROTEIRO TURÍSTICO COMO PRÁTICA:  
CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS PARA  
OS ESTUDOS SOBRE ROTEIROS TURÍSTICOS**

**VITÓRIA - ES  
2018**

**TALITA ALMEIDA FERNANDES**

**O ROTEIRO TURÍSTICO COMO PRÁTICA:  
CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS PARA  
OS ESTUDOS SOBRE ROTEIROS TURÍSTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção do título de Mestre em Administração, na linha de pesquisa Práticas Organizacionais e Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva.

**VITÓRIA - ES  
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

F363r      Fernandes, Talita Almeida, 1989-  
            O roteiro como prática : contribuições da perspectiva das  
práticas para os estudos sobre roteiros turísticos / Talita Almeida  
Fernandes. – 2018.  
            97 f. : il.

            Orientador: Alfredo Rodrigues Leite da Silva.  
            Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e  
Econômicas.

            1. Schatzki, Theodore R. 2. Turismo. 3. Roteiros turísticos. 4.  
Estudos baseados em prática. I. Silva, Alfredo Rodrigues Leite  
da, 1973-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de  
Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 65

**TALITA ALMEIDA FERNANDES**

**O ROTEIRO TURÍSTICO COMO PRÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DA  
PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS PARA OS ESTUDOS SOBRE  
ROTEIROS TURÍSTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

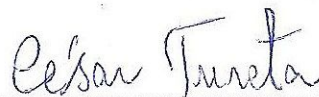
Aprovada em 17 de maio de 2018.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador



---

**Prof. Dr. César Augusto Tureta de Moraes**  
Universidade Federal do Espírito Santo



---

**Prof. Dr. Marcelo de Souza Bispo**  
Universidade Federal da Paraíba – membro  
remoto

## **AGRADECIMENTOS**

Quando iniciei o Mestrado, muitas pessoas disseram que eu viveria dois longos e cansativos anos, mas, ao fim deste percurso, o cansaço deu lugar à felicidade e gratidão. Felicidade por aprender e crescer. Gratidão por ter tido comigo pessoas tão especiais para compartilhar estas experiências. Meus sinceros agradecimentos aos que me acompanharam durante esta viagem!

A Deus, em primeiro lugar, por me proteger durante toda esta caminhada e me permitir chegar ao fim deste desafio.

Aos meus pais, Geíza e Geraldo, por acreditarem no caráter transformador da educação e investirem muito mais do que dinheiro, mas também seu tempo, amor e preocupação. Se não me incentivassem e não fossem tão maravilhosos, não seriam eles.

Ao meu orientador, Alfredo, pela disponibilidade e dedicação destinadas às orientações, pela compreensão frente as minhas aflições e, acima de tudo, pela generosidade ao compartilhar seus conhecimentos.

Ao proprietário da agência de turismo receptivo, que possibilitou a realização desta pesquisa e aos funcionários, por contribuírem voluntariamente e me acolherem com solicitude.

Aos demais familiares e amigos de uma vida inteira, por compreenderem minhas ausências, e mesmo a distância, se fazerem presentes, enviando carinho e energias positivas.

Aos amigos do Mestrado agradeço a experiência de uma produção compartilhada. Seja durante os cafés, nos bares ou nas ótimas noites regadas a dendê, dividir angústias e ganhar abraços tornou a rotina mais leve.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro durante este período.

The real voyage of discovery consists not  
in seeking new landscapes, but in having  
new eyes.

Marcel Proust (1949)

## RESUMO

O campo dos estudos dos roteiros turísticos adota diferentes perspectivas. A presente pesquisa elaborou uma classificação referente aos estudos que articulam os roteiros turísticos e a dividiu em: (1) Roteiros turísticos como mapas prescritos; (2) Roteiros turísticos como rotas experienciais. No contexto destes estudos, o que não se observou foi a presença de pesquisas que analisem os roteiros turísticos segundo a perspectiva das práticas. A partir de tal necessidade, objetivou-se nesta dissertação compreender as práticas dos roteiros turísticos que envolvem uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória no Espírito Santo, com base na epistemologia das práticas segundo Theodore Schatzki. Realizou-se uma pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2007) que utilizou como procedimento de coleta de dados: pesquisa documental (CELLARD, 2008), entrevistas informais (FONTANA; FREY, 2005) e observações participantes (MALINOWSKI, 1978). Os sujeitos de pesquisa foram os humanos turísticos e não-turísticos, assim como os materiais que suportam as ações dos humanos. O tratamento dos dados ocorreu a partir de temas definidos *a posteriori* (KRIPPENDORFF, 2004) por meio do procedimento da análise em espiral proposto por Creswell (2012). Os resultados indicaram que a dinâmica do “roteiro como prática” ocorre durante toda a prática do roteiro, não apenas antes durante a visita aos pontos turísticos. Esta dinâmica é resultado das interações entre humanos e materiais, sejam eles turísticos ou não-turísticos que, a partir dos elementos que organizam as práticas, podem ser transformados de não-turísticos para turísticos e promover alterações em toda a configuração da rede de práticas. A pesquisa também revelou que o elemento tempo transforma as vivências e significados dos espaços. Ficou evidente que durante a prática do roteiro humanos e materiais se transformaram em elementos turísticos, surgindo uma relação que só existe durante o roteiro como prática. Ademais, a pesquisa revelou que o roteiro como prática apresenta compartilhamentos que permitem lidar com o não compartilhamento, ao mesmo tempo em que propicia que ele ocorra. Espera-se, com esta pesquisa, contribuir para o desenvolvimento teórico-empírico de abordagens capazes de analisar a complexidade do setor turístico (BISPO, 2016). Foram discutidas sugestões para futuras pesquisas.

**Palavras-chave:** Teoria da Prática. Epistemologia de Schatzki. Turismo como Prática. Roteiros turísticos. Roteiro como Prática.

## ABSTRACT

The field of study of tourist routes adopts different perspectives. The present research elaborated a classification referring to the studies that articulate the tourist routes and divided it into: (1) Tourist routes as prescribed maps; (2) Tourist routes as experiential routes. The context of these studies did not reveal the presence of research that analyzes the tourist routes according to the practices perspective. From this need, the aim of this research was to understand the practices of the tourist routes that involve a receptive tourism agency of the city of Vitória, in Espírito Santo, Brazil, based on the epistemology of practices according to Theodore Schatzki. A qualitative research was accomplished. It has used as a data collection procedure: documentary research (CELLARD, 2008), informal interviews (FONTANA; FREY, 2005) and participant observations (MALINOWSKI, 1978). The subjects of the research were touristics and non-touristics human, as well as the materials that support human actions. Data treatment occurred from themes defined *a posteriori* (KRIPPENDORFF, 2004) through the spiral analysis procedure proposed by Creswell (2012). The results indicate that the "tourist route as practice" dynamics occurs throughout the practice of the route, not just before during the visit to the tourist spots. This dynamic is a result of interactions between humans and materials, be they tourist or non-tourist, who, from the elements that organize the practices, can be transformed from non-tourist to tourist and promote changes throughout the network configuration practices. Furthermore, this research also reveals that the time element transforms the experiences and meanings of spaces. It became clear that during the tourist route practice the human and material became tourist elements, a relationship that only existed during the "tourist route as practice". Moreover, the research revealed that the "tourist route as practice" presents shares that allow to deal with non-sharing, while allowing it to occur. With this research is expected to contribute to the theoretical-empirical development of approaches capable of analyzing the complexity of the tourism sector (BISPO, 2016). At the end, some alternative for further research were discussed.

**Keywords:** Practice Theory. Schatzki's Epistemology. Tourism as Practice. Tourist Route. Tourist route as Practice.



## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> - Turistas no Galpão das Paneleiras .....	54
<b>Fotografia 2</b> - Turistas aguardando para fotografar .....	56
<b>Fotografia 3</b> - A necessidade de experimentação .....	58
<b>Fotografia 4</b> - Conhecendo o “café do Jacu” .....	59
<b>Fotografia 5</b> - #AmorES .....	70

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

EBP - Estudos baseados em prática

EPS - Estratégia como Prática Social

ES - Espírito Santo

TAP - Tourism as Practice

TBT - Throwback Thursday

TIP - Travel Itinerary Problem

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O CAMPO DE ESTUDO DOS ROTEIROS .....</b>	<b>16</b>
<b>3 ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA NO CAMPO DO TURISMO .....</b>	<b>25</b>
<b>4 TEORIAS DA PRÁTICA E A EPISTEMOLOGIA DE SCHATZKI.....</b>	<b>30</b>
<b>5 ROTEIRO COMO PRÁTICA .....</b>	<b>36</b>
<b>6 ESQUEMA CONCEITUAL .....</b>	<b>40</b>
<b>7 METODOLOGIA .....</b>	<b>42</b>
7.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	42
7.2 COLETA DE DADOS.....	43
7.3 SELEÇÃO DOS SUJEITOS .....	48
7.4 TRATAMENTO DOS DADOS.....	48
7.5 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS .....	52
<b>8 RESULTADOS .....</b>	<b>53</b>
8.1 #QUANTO TEMPO TEM? .....	53
8.2 #GENTILEZA GERA GENTILEZA.....	55
8.3 #TEM GOSTO DE QUÊ? .....	58
8.4 #ATENDIMENTO.....	61
8.5 #OUTSIDER.....	63
8.6 #ALWAYS MOVING .....	64
8.7 #TAMBÉM QUERO .....	66
8.8 #TBT ( <i>THROWBACK THURSDAY</i> ).....	68
8.9 #CONHEÇA O ESPÍRITO SANTO .....	69
8.10 #MISS SIMPATIA .....	71
<b>9 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>74</b>
<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O campo dos estudos sobre roteiros turísticos adota diferentes perspectivas para estudar o setor. A partir de uma classificação elaborada nesta pesquisa, os estudos que articulam os roteiros turísticos foram divididos em: (1) roteiros turísticos como mapas prescritos; (2) roteiros turísticos como rotas experienciais.

Os estudos que posicionam os roteiros turísticos como mapas prescritos possuem o foco na territorialização do turismo, nas características concretas de um determinado roteiro turístico e nos elementos da gestão turística, como por exemplo: itinerários de viagem e infraestrutura de transporte; ações sistematizadas e operacionalizadas para a formatação de roteiros; análise de satisfação e fidelidade dos turistas; planejamento e análise da viabilidade de novos roteiros turísticos; movimento dos turistas e; análise da hierarquização de atrativos turísticos. Alguns exemplos de autores inseridos nessa abordagem são: Li, Zhou e Zhao (2016); Khadaroo e Seetanah (2007, 2008); Sudiarta e Suardana (2016); Peng *et al.* (2016); Xia, Zeephongsekul e Packer (2011); Yang, Fik e Zhang (2013) e; Denstadli e Jacobsen (2011).

A perspectiva que adota os roteiros turísticos como rotas experienciais utiliza os roteiros turísticos para analisar como ocorrem as experiências dos turistas a partir da realização dos roteiros turísticos, por exemplo os trabalhos de Cutler, Carmichael e Doherty (2014) e Jiang e Xu (2016).

Dentre as classificações acima, a perspectiva que mais se aproxima desta dissertação é aquela que evidencia os roteiros turísticos como rotas experienciais, principalmente em termos de aspectos presentes nos estudos em abordagens geográficas literárias, como o trabalho de Jiang e Xu (2016). Estas pesquisas analisam as experiências dos turistas e ressaltam algumas interações que ocorrem a partir da leitura dos livros e despertam a vontade e as expectativas dos turistas. Esta perspectiva amplia o leque de pesquisa em relação às interações que ocorrem nos roteiros turísticos, mas ainda não compreende a dinâmica e as complexidades do turismo que, segundo Bispo (2016) são necessários para os estudos na área.

Para tanto, Bispo (2016) sugere uma (re)teorização do turismo a partir de uma perspectiva baseada na prática, a abordagem do “turismo como prática” (*tourism as*

*practice* - TAP). Assim como o turismo compõe um campo do conhecimento que, ao mesmo tempo, se estabelece como prática, isso também ocorre com o campo dos estudos sobre roteiro. Entretanto, a discussão do roteiro como prática proposta nesta dissertação não foi identificada no campo de estudo, exigindo um esforço teórico capaz de articular as contribuições que os estudos organizacionais baseados em prática podem oferecer para a abordagem do roteiro.

Com o propósito de estudar os roteiros segundo a perspectiva da prática, é necessário ressaltar o conceito de *organizing* como um constante processo de construção e reconstrução das organizações (CZARNIAWSKA, 2004, 2008; SCHATZKI, 2006). A partir da visão do *organizing*, o roteiro não é estudado como uma organização inerte, mas como uma (re)organização que existe em tempo real e abrange as formas que perduram em suas práticas e arranjos materiais (SCHATZKI, 2006).

Os arranjos materiais são importantes contribuições dos EBP e justificam a escolha da adoção de uma epistemologia das práticas segundo Theodore Schatzki, que não nega a agência não-humana, mas não analisa os não-humanos em simetria com os humanos, como ocorre em Gherardi (2009a).

As práticas, segundo a definição proposta por Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005) e adotada nesta dissertação, são atividades humanas organizadas, ou ainda, um “pacote” de ações composto pelos fazeres (*doings*) e dizeres (*sayings*) e por arranjos materiais. Elas se organizam em torno de três fenômenos, são eles: entendimentos, regras e teleoafetividade (SCHATZKI, 2002, 2005). Segundo Schatzki (2002) estes são os três elementos que ligam os fazeres e dizeres de uma prática e formam sua organização.

Essas e outras características dos EBP podem auxiliar o campo de estudo dos roteiros a partir de uma abordagem específica sobre os roteiros turísticos, chamada aqui de “roteiro como prática”. Tal abordagem reúne contribuições anteriores do próprio campo do estudo sobre roteiros e contribuições específicas dos EBP, especialmente as articulações entre a Teoria das Práticas de Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005) e a abordagem do TAP (BISPO, 2016).

O roteiro como prática sugere uma abordagem holística dos fenômenos analisados. Ela está fundamentada nas interações exercidas por elementos humanos e materiais,

conforme a compreensão de Schatzki (2002) e na importância que os atores "não-turísticos" desempenham na atividade turística, segundo a proposta do TAP evidenciada por Bispo (2016).

Outra característica da abordagem do TAP descrita por Bispo (2016) e articulada com a proposta do roteiro como prática refere-se à análise de elementos turísticos como um *plenum*, considerando as relações que, embora possam ocorrer em tempos ou espaços diferentes, influenciam e são influenciadas pela prática de um roteiro. A análise dos elementos como complementares e necessários a uma mesma prática turística corrobora com o estudo do roteiro como prática no sentido de dispor os entendimentos, regras e teleoafetividade como fenômenos centrais e compartilháveis da organização de uma prática (SCHATZKI, 2002, 2005) turística.

A partir desta perspectiva, compartilhar entendimentos, regras e teleoafetividade significa dizer que estes fenômenos estão imersos em uma mesma prática e compartilham elementos desta rede de práticas (SCHATZKI, 2002, 2005).

Em suma, a abordagem do TAP desperta a atenção para o que Bispo (2016) chamou de um novo pensamento acerca de uma ontologia do turismo e possíveis epistemologias capazes de entender o TAP organizadora. Estas características também podem ser destacadas em relação à abordagem do roteiro como prática, que busca oferecer avanços para o campo ao se diferir das abordagens tradicionais e identificar o roteiro como uma prática que integra diversos elementos turísticos, não apenas uma rota.

Os trabalhos aqui explicitados demonstram uma lacuna quanto às publicações na área de turismo que se debrucem sobre os estudos dos roteiros turísticos a partir de uma perspectiva baseada na prática. Portanto, o que se propõe aqui é adotar a abordagem dos EBP, baseada na Teoria da Prática de Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005, 2006) para compreender a dinâmica da prática dos roteiros turísticos que envolvem uma agência de turismo receptivo.

A partir dos elementos expostos, o problema que orientou esta dissertação foi: como ocorre a dinâmica da prática dos roteiros turísticos que envolvem uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória no Espírito Santo?”. Com base nesse problema, o objetivo foi compreender as práticas dos roteiros turísticos que envolvem uma

agência de turismo receptivo da cidade de Vitória no Espírito Santo. Destaca-se, ainda, que os objetivos específicos foram: (1) identificar as práticas que ocorrem nestes roteiros turísticos; (2) compreender a dinâmica de produção e reprodução das práticas identificadas a partir da interação entre os elementos humanos e materiais, turísticos e não-turísticos; (3) analisar fazeres e dizeres destes roteiros turísticos em uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória no Espírito Santo.

Ao ratificar a importância da perspectiva da prática, Bispo (2016) discorre sobre a necessidade de que as pesquisas sobre turismo compreendam a complexidade do setor. Além disso, Bispo (2014a) afirma que no campo do turismo são escassas as pesquisas sobre as organizações, cabendo às pesquisas em administração preencher esta lacuna. Ao propor aqui uma pesquisa sobre turismo na área da Administração, tem-se como resultado desta união a possibilidade de levantar contribuições acerca de práticas que influenciam e são influenciadas por múltiplos setores.

Isto posto, o objetivo desta pesquisa se justifica pela possibilidade de contribuir para o conhecimento sobre turismo a partir de uma abordagem prática dos roteiros turísticos. Argumenta-se que os EBP podem evidenciar a interação entre todos os elementos da prática do roteiro, por exemplo, como as práticas dos turistas em relação aos outros turistas e não-turistas fazem parte da experiência do roteiro e podem influenciar tanto quanto as características do roteiro em si. Após as características dos EBP descritos aqui, fica evidente que esta perspectiva concede à abordagem do roteiro como prática contribuições e implicações teóricas para, assim como proposto por Bispo (2016), (re)teorizar os estudos no campo do turismo, nesta pesquisa, especificamente os estudos acerca dos roteiros turísticos.

Para ilustrar esta proposta, foi realizada uma investigação empírica em roteiros turísticos comercializados por uma agência de turismo receptivo na cidade de Vitória, no Espírito Santo. A pesquisa foi caracterizada como qualitativa (CRESWELL, 2007; GRAY, 2013) e o procedimento de coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa documental (CELLARD, 2008), entrevistas informais (FONTANA; FREY, 2005) e observações participantes (MALINOWSKI, 1978). Os sujeitos de pesquisa foram os guias, motoristas, turistas, atendentes dos estabelecimentos que receberam estes turistas e demais agentes do turismo e; os não-turistas que estiveram presentes na rede de práticas dos roteiros. O tratamento dos dados ocorreu a partir de temas

definidos *a posteriori* (KRIPPENDORFF, 2004) por meio do procedimento da análise em espiral proposto por Creswell (2012).

Os resultados demonstram que a dinâmica do roteiro como prática ocorre antes mesmo do início da vivência do roteiro por parte dos turistas. Esta dinâmica é resultado das interações entre humanos e materiais, sejam eles turísticos ou não-turísticos que, a partir dos elementos que organizam as práticas, podem ser transformados de não-turísticos para turísticos e alterar toda a configuração da rede de práticas.

A pesquisa revelou que o elemento tempo transforma as vivências e significados dos espaços. Sua relação com os humanos turísticos pode ser compartilhada através de entendimentos e da teleoafetiva da prática, por exemplo, quando humanos turísticos tiram fotos que representam um tempo parado.

Outro resultado evidenciado é referente à interação dos humanos não-turísticos e materiais não-turísticos, que, durante a prática do roteiro se transformaram em elementos turísticos, fazendo aflorar uma relação que só existe durante o roteiro como prática. Estas interações que correm na prática do roteiro podem transformar, também, a maneira como os materiais são avaliados. Nesta dinâmica, um material se transforma em algo caracterizado como bom ou ruim, a partir das relações com o guia turístico.

Por fim, a pesquisa revelou que apesar da prática do roteiro reunir em um curto espaço de tempo humanos de diversas regiões em relações entre humanos e materiais que comumente nunca se relacionaram, esta prática apresenta compartilhamentos que permitem lidar com o não compartilhamento, ao mesmo tempo em que propicia que ele ocorra.

Para desenvolver a referida discussão, esta dissertação está estruturada em dez capítulos. Após esta introdução, o segundo capítulo apresenta o campo de estudo dos roteiros. O terceiro capítulo apresenta os estudos baseados em prática (EBP) no campo do turismo. O quarto capítulo evidencia as teorias da prática e a epistemologia de Schatzki. O quinto capítulo articula e propõe a abordagem do roteiro como prática. O sexto capítulo apresenta um esquema conceitual que articula os principais aspectos dos autores destacados neste projeto. O sétimo capítulo apresenta o percurso



metodológico realizado. O oitavo capítulo apresenta os resultados e nono capítulo os analisa. Por fim, o décimo capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa.

## 2 O CAMPO DE ESTUDO DOS ROTEIROS

Os trabalhos que abordam os roteiros turísticos adotam diferentes perspectivas para estudarem o setor. A partir de uma classificação elaborada nesta pesquisa, os estudos que articulam os roteiros turísticos foram divididos em: (1) roteiros turísticos como mapas prescritos; (2) roteiros turísticos como rotas experienciais.

A primeira perspectiva é adotada por pesquisas que possuem como foco a territorialização do turismo, as características de um determinado roteiro turístico e elementos da gestão turística, tais como: estudo dos itinerários de viagem e infraestrutura de transporte; sistematização de ações operacionalizadas para a formatação de roteiros; análise de satisfação e fidelidade dos turistas; planejamento e análise da viabilidade de implantação de novos roteiros turísticos; movimento dos turistas; análise da hierarquização de atrativos turísticos.

Já a segunda perspectiva utiliza os roteiros turísticos para estudar como se dão as experiências dos turistas durante e após a execução dos roteiros turísticos. Ambas perspectivas são exemplificadas no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Perspectivas dos estudos que abordam roteiros turísticos

(continua)

Perspectiva	Aspectos abordados	Autores
Roteiros turísticos como mapas prescritos	Gestão turística: estudo dos itinerários de viagem e infraestrutura de transporte; sistematização de ações operacionalizadas para a formatação de roteiros; análise de satisfação e fidelidade dos turistas; planejamento e análise da viabilidade de implantação de novos roteiros turísticos; movimento dos turistas; análise da hierarquização de atrativos turísticos	Li, Zhou e Zhao (2016); Fageda <i>et al.</i> (2017); Stone (2016); Khadaroo e Seetanah (2007; 2008); Moraes e Emmendoerfer (2015); Jayanti, Suardana e Kusuma Negara (2014); Sudiarta e Suardana (2016); Souto <i>et al.</i> (2016); Bahl e Murad (2011); Lew e McKercher (2006); Peng <i>et al.</i> (2016); Xia, Zeephongsekul e Arrowsmith (2009); Xia, Zeephongsekul e Packer (2011); Yang, Fik e Zhang (2013); Dantas; Melo (2011); Denstadli e Jacobsen (2011).
	Territorialização do turismo	Candiotto (2015).

Quadro 1 – Perspectivas dos estudos que abordam roteiros turísticos

(continuação)

Perspectiva	Aspectos abordados	Autores
Roteiros turísticos como mapas prescritos	Características de um determinado roteiro turístico	Souza, Elesbão e Schaidhauer (2011).
Roteiros turísticos como rotas experienciais	Estudo das experiências vividas durante o roteiro turístico; abordagens geográficas literárias	Cutler, Carmichael e Doherty (2014); Jiang e Xu (2016).

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Como é possível observar no Quadro 1, estudos tais como aqueles desenvolvidos por Li, Zhou e Zhao (2016) e Fageda *et al.* (2017) possuem em comum o fato de se voltarem para a visão do roteiro como a descrição de um caminho a seguir. Tendo como exemplo, Li, Zhou e Zhao (2016) propuseram uma ferramenta chamada *Travel Itinerary Problem* (TIP), ou Problema de Itinerário De Viagem, que tem como objetivo encontrar os itinerários que possuem o menor custo para os viajantes que visitam várias cidades. A TIP busca a otimização do itinerário avaliando as opções disponíveis e utilizando como restrições pontos tais como o horizonte temporal, os horários de parada e de chegada nas cidades, as alternativas de transporte com horários de partida fixos e os preços das passagens. No campo empírico, Li, Zhou e Zhao (2016) demonstraram a viabilidade da TIP apresentando dois exemplos práticos fundamentados em dados reais referentes a voos e trens de alta velocidade e confirmaram a eficácia da otimização do itinerário de viagem para minimizar o custo de viagem.

Na pesquisa acima, o roteiro de viagens é estudado com vistas à sua otimização funcional e descrito como os locais (estruturas físicas) pelos quais os turistas devem passar. Li, Zhou e Zhao (2016) não levaram em consideração a interferência, por exemplo, dos fatores humanos nesta rede de relações. Assim, evidenciaram o roteiro como uma rota ou mapa a ser seguido, sem discorrer sobre como as práticas podem influenciar este roteiro. Esta crítica pode ser estendida a trabalhos como o de Fageda *et al.* (2017) que também fazem referência aos roteiros turísticos para analisar os locais visitados por turistas. Nesta perspectiva, rotas são pontos de visitação estáticos, ou seja, caminhos percorridos para ir de um lugar a outro.

Fageda *et al.* (2017) analisaram a influência das companhias aéreas de rede e das companhias aéreas de baixo custo nos roteiros turísticos e não turísticos. O artigo utilizou os dados de rota espanhóis para o período de 2006 e 2013, sendo baseado especificamente no caso da falência da Spanair. Fageda *et al.* (2017) concluíram que a falência da Spanair culminou na redução de preços das rotas, uma vez que esta companhia foi substituída por companhias aéreas de baixo custo. Dado que os turistas são sensíveis aos preços, foram encontradas evidências de que esta redução de preços, causada pelo aumento da área coberta pelas companhias aéreas de baixo custo, possui impacto positivo em termos de produção do turismo.

O que se pôde observar é que Li, Zhou e Zhao (2016) e Fageda *et al.* (2017), assim como Stone (2016), Khadaroo e Seetanah (2007, 2008), analisaram a produção do turismo a partir de pesquisas que fazem referência aos roteiros turísticos como mapas prescritos e possuem como foco a discussão de aspectos da gestão turística a partir de estudos dos itinerários de viagens e infraestrutura de transporte.

A gestão turística foi discutida em Moraes e Emmendoerfer (2015) a partir da sistematização das ações realizadas durante a elaboração de roteiros do turismo rural. Segundo os autores, com base na análise da estratégia utilizada foi possível sua multiplicação em outros núcleos do turismo voltados para a recepção dos turistas em determinadas comunidades. Na referida pesquisa, além da observação, foram aplicados questionários semiestruturados compostos por questões fechadas com opções de respostas da escala Likert, são elas: péssimo, regular, bom, ótimo e excelente. Os turistas foram questionados sobre a qualidade do roteiro e os integrantes do Núcleo de Turismo de Base Comunitária responderam perguntas acerca da convivência com os turistas (MORAES; EMMENDOERFER, 2015).

Pesquisas como a acima descrita convertem-se em resultados que se aproximam de escalas de satisfação e qualidade dos roteiros, se distanciando da possibilidade de compreender as interações mais complexas que influenciam e são influenciadas pelas avaliações dos turistas, guias e demais elementos envolvidos nos roteiros turísticos.

Em trabalhos que investigam os *city tours* também é comum observarmos a análise de satisfação (JAYANTI; SUARDANA; KUSUMA NEGARA, 2014), e a utilização de teorias que evidenciam estratégias de planejamento de destinos turísticos e

privilegiam as análises quantitativas (SUDIARTA; SUARDANA, 2016) em detrimento de métodos de investigação que priorizem a dinamicidade dos *city tours*.

Além de pesquisas que avaliam a gestão do turismo, alguns trabalhos analisam a Hierarquização de Atrativos Turísticos (DANTAS; MELO, 2011) e a viabilidade de implantação de roteiros, tais como roteiros turísticos com ênfase em turismo cemiterial (SOUTO *et al.*, 2016) e roteiro turístico-cultural temático (BAHL; MURAD, 2011). Os roteiros turísticos-culturais são, muitas vezes, evidenciados em *city tour*, onde o passeio pela cidade contempla pontos turísticos repletos de histórias. Segundo De Paula e Pereira (2010), os *city tours* são caracterizados por roteiros de visita que visam evidenciar alguns dos principais marcos e edificações que representem determinada localidade ou comunidade.

Ao nos referirmos, ainda, ao grupo de pesquisas que fazem referência aos roteiros turísticos como mapas prescritos, evidenciamos as pesquisas que ressaltam como os roteiros turísticos podem ser influenciados pelo movimento turístico (LEW; MCKERCHER, 2006; PENG *et al.*, 2016; XIA; ZEEPHONGSEKUL; ARROWSMITH, 2009; XIA; ZEEPHONGSEKUL; PACKER, 2011; YANG; FIK; ZHANG, 2013).

Lew e McKercher (2006), por exemplo, possuíam o intuito de identificar fatores que poderiam influenciar os movimentos turísticos. Para tanto os autores utilizaram uma abordagem indutiva baseada na modelagem do transporte urbano e no comportamento dos turistas e encontraram um conjunto de características turísticas e um conjunto de características de destino como principais fatores que influenciam a tomada de decisões e no comportamento dos turistas. Os autores afirmam que a compreensão do movimento que os turistas realizam dentro de um destino tem aplicações práticas tanto para o marketing de atração e desenvolvimento de produtos quanto para o gerenciamento de destino.

Nesta abordagem, gerenciar um destino está relacionado com montar ou criar um roteiro turístico. Portanto, ao se enquadrarem nela, Xia, Zeephongsekul e Packer (2011), defendem que compreender o movimento dos turistas pode auxiliar na montagem de tais roteiros. Os autores trouxeram uma contribuição que complementa as pesquisas de modelagem de movimentos turísticos pois não se concentraram apenas na previsão de padrões de movimento espacial de turistas, como fazem Lew e Mckercher (2006) e Xia, Zeephongsekul e Arrowsmith (2009), eles foram além

integrando o tempo gasto em cada atração turística nos processos de modelagem de Semi-Markov<sup>1</sup>. Como resultado, propuseram um modelo capaz de estimar a probabilidade de visitação de atrações e gerar uma medida de atratividade a partir do tempo gasto em cada local visitado.

Embora surjam no campo novos métodos de pesquisa acerca dos roteiros turísticos, podemos conceber que, assim como evidenciado por Cisne e Gastal (2011), as bibliografias que abordam os roteiros turísticos os têm abordado como uma descrição de itinerários de viagem, distanciando estes estudos de análises que favoreçam a compreensão da complexidade da atividade turística. As autoras utilizam como base a Teoria da Complexidade proposta pelo filósofo Edgar Morin (2003) e afirmam que optar por este autor significa alinha-se a uma teoria que busca olhar para o turismo por meio de contribuições sociais reflexivas. Cisne e Gastal (2011) fundamentam, também, seu artigo em trabalhos de autores tais como Krippendorf (2001), Leiper (1979), Moesch (2002), Molina (2003) e Panosso Netto (2005). As autoras afirmam que estes autores levantam debates sobre a dimensão epistemológica do turismo, indo além do aspecto de marketing comumente destacado e abrindo espaço para um debate voltado para os aspectos sociais que caracterizam a atividade.

Esse debate nos leva à segunda perspectiva que discute os aspectos sociais da atividade turística, especificamente dos roteiros turísticos, evidenciada no Quadro 1, ou seja, aquela que estuda os roteiros turísticos como rotas experienciais. Nessa ótica Cutler, Carmichael e Doherty (2014) partem da crítica às abordagens sobre mobilidade no turismo que tratam o tempo de viagem como vazios em itinerários. Segundo os autores, a pesquisa de experiência turística ignora o papel da mobilidade nas experiências de turismo e tende a se concentrar em destinos ao invés de viagens.

Os autores evidenciam a importância do itinerário de viagem não ser tratado apenas como um meio para chegar ao destino e ser considerada sua influência em relação a todo o movimento turístico. Baseados na afirmação de Adler (1989) de que o turismo não acontece simplesmente em pontos, mas consiste no movimento através do espaço geográfico, os autores exploraram a experiência de caminhadas na Trilha Inca

---

<sup>1</sup> “Um processo de Semi-Markov possui uma cadeia de Markov e um processo de substituição incorporado em sua estrutura. No processo de substituição, assume-se que os eventos ocorrem aleatoriamente e os tempos entre as chegadas sucessivas são independentes e identicamente distribuídos” (XIA; ZEEPHONGSEKUL; PACKER, 2011, p.845, tradução nossa).

no Peru, juntamente com a experiência do destino de Machu Picchu. Para entender melhor o significado deste roteiro turístico, Cutler, Carmichael e Doherty (2014) avaliaram reações experienciais imediatas e experiências memoráveis e observaram que a experiência de turismo móvel possui um significado relacionado à percepção da auto-identidade e ao encontro do indivíduo com o eu corpóreo.

Ao adotar uma abordagem que leva em consideração elementos que constituem a percepção e desenvolvimento da auto-identidade e causam consciência, confronto e reflexividade entre mente e corpo (EDENSOR, 2000), Cutler, Carmichael e Doherty (2014) evidenciam a percepção dos sujeitos na e sobre a viagem, se aproximando do que defendem Cisne e Gastal (2011). Estes últimos intercedem em favor de que a perspectiva baseada na Teoria da Complexidade (MORIN, 2003) permite o aprofundamento das reflexões acadêmicas que extrapolam a sistematização do setor produtivo (MOESCH, 2002).

O estudo dos roteiros turísticos sob uma perspectiva com vistas a compreender as complexidades do setor (BISPO, 2016) é defendido na presente pesquisa e também pode ser evidenciado na perspectiva dos roteiros turísticos em abordagens geográficas literárias, evidenciada no Quadro 1. A abordagem geográfica literária, assim como a dos roteiros turísticos como rotas experienciais, evidencia a experiência dos turistas. Entretanto, busca compreender não apenas as experiências dos turistas durante e após a realização dos roteiros, mas também as interações que ocorrem a partir da leitura dos livros e que, conseqüentemente, despertarão a vontade e as expectativas dos turistas. Esta perspectiva amplia o leque de pesquisa das interações que ocorrem com o turista, mas ainda não aborda outros elementos nas redes de práticas (SCHATZKI, 2001, 2002, 2003, 2005).

Na perspectiva de abordagem geográfica literária, Jiang e Xu (2016) aproximaram a literatura e a geografia do campo do turismo. Eles ressaltaram quatro elementos-chave enfatizados na pesquisa geográfica literária, quais sejam: mundo, autor, texto e leitor, dentre os quais o texto é considerado o elemento central. Jiang e Xu (2016), respaldados pelas afirmações de Darby (1948), destacaram que as análises dos primeiros geógrafos literários se dedicavam ao estudo das relações entre geografia, autor e texto; ignorando a importância dos leitores e negligenciando suas contribuições na criação do valor da literatura. Entretanto, segundo Jiang e Xu (2016),

desde a década de 1960, o papel dos leitores aumentou de forma considerável e, principalmente no século XXI, as novas tecnologias e modos de transporte trouxeram expressivos impactos nas formas como os leitores lêem. Os autores completam que o estilo de leitura pós-moderna também indicou mudanças temporais e espaciais nas experiências de leitura dos leitores.

Tanto as experiências dos leitores quanto o autor, o texto e o mundo, enfatizados na pesquisa geográfica literária, podem ser trazidos para o contexto das pesquisas em Administração, em especial pesquisas que analisam os roteiros turísticos e utilizam a abordagem da prática. Ao relacionarmos os quatro elementos acima ao contexto dos roteiros turísticos podemos fazer uma analogia entre os leitores e os turistas; ambos elementos que passeiam por um roteiro previamente definido. No caso do leitor, ele fará a leitura de um texto estruturado e o turista fará a leitura do cenário que foi planejado para ele por meio do roteiro. Já a definição do roteiro é feita por alguém que montou um roteiro turístico, ou seja, o “autor de um roteiro”, a pessoa que planejou, organizou e decidiu os percursos a serem seguidos pelos turistas.

Assim como o “autor de um roteiro” indica caminhos a serem seguidos, o texto de um roteiro pode ser considerado o próprio caminho, este poderá se repetir para os turistas, mas será vivido e sentido de formas diferentes. Desta maneira, embora o “autor de um roteiro” indique os caminhos (texto) pelos quais os turistas (leitores) devem conhecer os locais, diferentes turistas (leitores) percorrerão os mesmos caminhos (texto) e terão sentimentos e interpretações distintas; assim como ocorre quando um mesmo livro é lido por pessoas diferentes.

As diferentes interpretações de um livro são resultados dos processos de interação vividos por parte dos leitores com o mundo antes, durante e após a leitura do livro. Da mesma maneira podemos afirmar sobre as interações que resultam nas interpretações de um roteiro. Ao trilharmos tal caminho, o mundo pode ser aproximado da ontologia de contexto (*site ontology*) evidenciada por Schatzki (2001, 2005). Nesta perspectiva Schatzki (2001, 2005) afirma que o contexto transcende o lugar físico; ele é constituído por elementos humanos e materiais que fazem parte do arranjo da prática e é, ao mesmo tempo, o local onde ocorrem as práticas e fenômenos sociais. Em outras palavras, o mundo para o leitor é como o contexto para o roteiro como prática.



A relação do roteiro como prática pode ser observada nas rotas turísticas descritas por Jiang e Xu (2016). Os autores afirmam que os turistas realizam a rota turística de duas maneiras. Uma delas é a rota descrita pelo Sr. Zhang em suas cartas destinadas a San Mao. Esta rota inclui observar a lua de outono sobre o Lago Sul, pescar no rio Jian, além de saborear o chá Apo local e o caranguejo. De acordo com a população local, esta rota integra todas as atrações culturais locais e serve como base para as agências de viagens projetarem suas rotas.

Já a segunda maneira de realizar uma rota é ilustrada no percurso de San Mao. Seguir principalmente as pistas sinuosas, visitar as grandes casas, sentar-se nos edifícios próximos ao rio, provar o caranguejo, o pé de porco Wanshan e o chá Apo, e tentar encontrar um lugar para chamar de lar (JIANG; XU, 2016). Jiang e Xu (2016) afirmam que nesta rota mais intimista, guiados pela admiração à San Mao, os turistas querem apreciar as experiências e sentimentos que as descrições geográficas na obra de San Mao são capazes de manifestar. Portanto, as descrições meramente textuais das características geográficas dos possíveis roteiros citados na obra dão lugar à experimentação dos sentimentos despertados em cada viajante durante sua visita à cidade, ou ainda, durante o roteiro por ele vivido.

É importante ressaltar que evidenciar a vivência dos roteiros turísticos a partir de análises que consideram os sujeitos como seres influenciados por interações sociais que ocorreram antes, durante e após viverem o roteiro turístico é o que distancia o estudo dos roteiros a partir de abordagens geográficas literárias das perspectivas gerenciais. Entretanto, ao adotar a perspectiva das práticas, a proposta desta pesquisa vai além da visão do social voltado para os indivíduos; buscando compreender a interação dos elementos humanos e materiais nas redes de práticas (SCHATZKI, 2001, 2002, 2003, 2005). Portanto, sustento que as dinâmicas existentes nos roteiros turísticos; sejam eles destinados ao agroturismo, *city tour*, sol e praia, entre outros; podem ser melhor compreendidas por meio da perspectiva das práticas.

Ao utilizar a abordagem da prática será possível evidenciar as dinâmicas existentes em diferentes roteiros turísticos, revelando as relações que envolvem humanos e materiais. São as interações entre os elementos presentes nas redes de práticas dos roteiros e as maneiras com que elas influenciam e serão influenciadas pelos turistas que transformam um mapa descrito como uma rota turística em um roteiro como

prática. Esse entendimento norteia os EBP no campo do turismo nos quais este estudo se insere.

### 3 ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA NO CAMPO DO TURISMO

Os estudos em turismo referentes à perspectiva baseada na prática são caracterizados por diversos elementos, um deles é a materialidade, um relevante aspecto dos EBP. Alguns exemplos de trabalhos que analisam a materialidade no turismo são Rantala, Valtonen e Markuksela (2011) e Valtonen (2009). Ao tratar desse elemento Rantala, Valtonen e Markuksela (2011) examinaram as relações entre clima, ação humana e o ambiente natural. Eles analisaram o papel do clima em relação às atividades turísticas que acontecem ao ar livre e como as práticas humanas de manipulação do clima aumentam ou diminuem as possibilidades de realizar estas atividades. Além disso, nessa pesquisa pode-se observar a materialidade do clima, onde este clima está envolvido nas práticas sócio materiais, permitindo aos sujeitos o desenvolvimento de habilidades meteorológicas que auxiliem nas práticas do turismo.

Os escritos dos autores vão ao encontro da perspectiva que foi aqui adotada ao admitirem a presença de arranjos materiais nas teias de prática, mantendo certa influência da agência, uma vez que consideram que os indivíduos exercem poder na orientação e reorientação das atividades que se baseiam na natureza humana.

Também através de uma abordagem das práticas, Edensor (2001) e Soica (2016) se diferenciam das pesquisas anteriores pois articulam outros elementos além dos elementos materiais na rede de práticas. Para tanto, Edensor (2001) considerou o turismo como um conjunto de atividades imbricadas em um cotidiano e imersas em um contexto de improvisação, onde a performatividade turística é regulada social e espacialmente por diferentes fatores, tais como a organização, a materialidade e as qualidades estéticas do espaço turístico. O autor destacou as constantes mudanças da indústria do turismo e a agência dinâmica dos turistas que produzem e reproduzem continuamente diversas formas de turismo e espaço de consumir este turismo. A dinamicidade do ambiente turístico ressaltada por Edensor (2001) culmina em diversas negociações performativas influenciadas pelo poder social e cultural, mas estas performances devem ser consideradas ambivalentes, uma vez que podem ser entendidas como intencionais e não intencionais, incorporadas de forma estratégica e irreflexiva.

Ao salientar a performatividade turística (EDENSOR, 2001; SOICA, 2016) tem-se uma importante contribuição para a construção de uma estrutura turística não estática, abrindo espaço para uma pesquisa capaz de identificar este e outros elementos como pertencentes às práticas relacionadas ao turismo. Pode-se confrontar, por exemplo, a performatividade de turistas com a performatividade dos representantes de um sindicato do turismo gastronômico do estado do Espírito Santo, a partir da descrição feita por Faria e Silva (2015).

É importante ressaltar que Faria e Silva (2015) focaram no estrategizar dos representantes do turismo gastronômico, mas a pesquisa registrou como as estratégias foram corporificadas e performadas pelos representantes de acordo com seus comportamentos durante as entrevistas e reuniões. Tanto no caso dos turistas quanto dos representantes do sindicato, foram observadas as formas de representar determinada prática a partir da corporificação e performatividade, dois aspectos dos EBP que permeiam pesquisas no campo do turismo.

A performatividade explorada por Edensor (2001) ocorre de forma reflexiva, é estrategicamente incorporada e se dá, muitas vezes, segundo o conhecimento (*knowing*) presente nas práticas (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003). A partir do momento em que o sujeito se torna um *insider* em uma comunidade de práticas ele reconhece o significado de determinados elementos que não possuem significado (ou possuem significado diferente) para os sujeitos que não fazem parte de determinada prática (GHERARDI, 2001). Uma vez que a prática possui caráter provisório, o conhecimento (*knowing*) não se dá uma única vez, ele se (re)constitui de acordo com as interações da rede de práticas; isso explica a utilização do termo *knowing*, como um processo dinâmico de conhecer, ao invés do termo *knowledge* (conhecimento como um substantivo).

Baseados em um quadro teórico que se fundamenta nas teorias que enfatizam as investigações sobre o conhecimento na prática, Bispo (2012), Bispo e Godoy (2012), Roper e Hodari (2015) e Valtonen (2009) exploraram as influências do conhecimento na área de turismo. Valtonen (2009) afirmou que os estudos anteriores abordam processos associados aos comportamentos e acontecimentos que ocorrem dentro das empresas e apontou que este enfoque pode gerar dois problemas. O primeiro deles é o fato de desconsiderar os processos externos às empresas, assim como o

conhecimento (*knowlegde*) gerado fora das empresas que pode ser aplicado ao trabalho. O segundo é ignorar que os limites das organizações estão em fluxo e a natureza das relações de mercado estão em transformação.

As relações de mercado e suas transformações podem ser evidenciadas a partir do estudo das tecnologias. Foi por essa via, considerando o conhecimento (*knowing*) presente nas práticas, que Bispo (2012) e Bispo e Godoy (2012) investigaram o uso das tecnologias como uma prática nas agências de viagens, a fim de compreender o processo de aprendizagem do uso destas tecnologias, em especial da internet. Os dois artigos apresentam como principal resultado a implicação do uso da tecnologia sobre as ações dos clientes, das agências de viagens e dos fornecedores. Em Bispo e Godoy (2012) são sugeridas futuras investigações que aprofundem o uso da tecnologia como prática de clientes e fornecedores da cadeia de viagens para verificar a influência desses agentes no processo de aprendizagem coletiva.

As análises que ressaltam a aprendizagem coletiva podem partir de diversas perspectivas. Roper e Hodari (2015) partiram da perspectiva de estratégia como prática (EPS) social para explorarem os estudos sobre estratégia na área de turismo. Primeiramente eles discorrem sobre a utilização das ferramentas estratégicas nos cursos de turismo e hotelaria, assim como em livros didáticos e artigos de revistas. A partir da análise de um cruzamento de dados de três empresas hoteleiras, os autores investigam o motivo pelo qual os praticantes, muitas vezes, não consideram úteis as ferramentas estratégicas. Segundo os autores, isso ocorre porque as ferramentas estratégicas não beneficiam a implantação do conhecimento baseado na experiência, além disso, as práticas estratégicas são legitimadas apenas pelas percepções dos gerentes superiores.

Em virtude dessas conclusões os autores propõem considerar a capacidade das ferramentas de estratégia, Roper e Hodari (2015) recomendam aos praticantes que seja aberto um debate acerca de outras possibilidades para se estudar estratégia. Os autores sugerem que se considere como os profissionais utilizam e valorizam as ferramentas, a fim de criar ferramentas baseadas na prática e não apenas na teoria.

Pode-se observar que nos trabalhos que ressaltam o *knowing*, os autores colocam as organizações como espaços de construção coletiva de sentidos, significados e de geração de conhecimento. Diante desta perspectiva pode-se ressaltar a possibilidade

de que a construção coletiva de conhecimento se dê por meio de outros elementos além da tecnologia e da EPS e que, além disso, seja influenciada por e influencie a prática dos roteiros turísticos.

As contribuições já levantadas deixam clara a relevância do foco na prática, mas na abordagem aqui adotada esse foco é articulado em torno da necessidade de se estudar especificamente o roteiro turístico como uma prática. Tem-se como exemplo Cutler, Carmichael e Doherty (2014) que se aproximaram da perspectiva deste estudo ao pesquisarem a caminhada de vários dias da trilha Inca peruana, que termina no Santuário Histórico de Machu Picchu. Segundo os autores esta trilha apresenta uma excelente oportunidade para pesquisar a experiência turística de mobilidade e autoconhecimento devido a seu destaque como espaço turístico móvel e porque combina a experiência de uma jornada com a experiência de um destino.

Embora o foco da pesquisa acima se concentre no estudo das experiências e mobilidade turísticas a partir das práticas de movimento, mais especificamente das práticas de andar, Cutler, Carmichael e Doherty (2014) ressaltam tais experiências vividas em um roteiro turístico a partir da percepção dos turistas. Os autores destacam que as experiências, sentimentos e emoções dos turistas ocorreram durante a jornada e o destino, sendo influenciadas tanto por elementos humanos, como a dor e a realização, quanto por elementos materiais, tais como o relevo e as paisagens.

A análise de todo o percurso (jornada e destino) pode ser comparada à amplitude de tempo e espaço que o roteiro como prática sugere, mas, ao mesmo tempo, este é um ponto sensível que distancia o trabalho de Cutler, Carmichael e Doherty (2014) da abordagem do roteiro como prática. A análise do tempo e espaço sugerida pela abordagem do roteiro como prática é resultado da integração entre todos os elementos e práticas que constituem a prática de um roteiro, portanto, a jornada e o destino devem estar neste arranjo de práticas. Entretanto, ao considerar que os autores segregam a experiência de uma jornada e a experiência de um destino, Cutler, Carmichael e Doherty (2014) se afastam da abordagem do roteiro como prática que integra a jornada e o destino como elementos pertencentes à mesma rede de práticas.

Outro ponto que difere o presente estudo da abordagem de Doherty (2014) é que eles não realizaram uma análise da relação dos profissionais de turismo e dos locais

percorridos pelos turistas, mantendo uma abordagem que resulta em interpretações focadas apenas nos turistas.

Como é possível observar, os estudos baseados em prática no campo do turismo adotam diversas abordagens da prática, mas acredita-se que a articulação proposta nesta pesquisa é capaz de oferecer contribuições relevantes e preencher as lacunas dos estudos sobre roteiros turísticos identificadas no campo. Para tanto, sugere-se a adoção da abordagem dos EBP, fundamentados na Teoria da Prática segundo Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005).

#### 4 TEORIAS DA PRÁTICA E A EPISTEMOLOGIA DE SCHATZKI

Na segunda metade do século XX, autores como Giddens (1984), Foucault (1979) e Bourdieu (1989) ofereceram contribuições específicas para o estudo da vida social a partir das práticas. Pierre Bourdieu (1989), por exemplo, contribuiu para as reflexões em relação aos estudos em práticas ao oferecer subsídios sobre conceitos como campo, *habitus* e capital simbólico. Para este autor, a teoria de prática está na relação entre as práticas exercidas pelos atores e as estruturas sociais (campos) em que estão imersos (BOURDIEU, 1989). Esta e as demais perspectivas de estudos sobre a prática que influenciam a Teoria da Prática já eram estudadas há algum tempo, mas o desenvolvimento da Teoria da Prática se intensificou somente nas últimas décadas (RECKWITZ, 2002; SANTOS; ALCADIPANI, 2015).

Por "teoria" Schatzki (2002) afirma que usualmente o termo significa um relato geral e abstrato sobre algo. O que os autores das Teorias da Prática têm em comum é o interesse no caráter provisório e de inovação do cotidiano e da rotina das práticas (GHERARDI, 2009b, 2009c; ORLIKOWSKI, 2000). Esta rotina é temporária, foge à concepção de uma estrutura que se repete continuamente, não podendo ser caracterizada como uma mera reprodução. Nela as práticas se transformam em algo mais representativo do que um simples conjunto de atividades rotineiras, e se alteram devido um refinamento que envolve, também, uma questão do gosto (GHERARDI, 2009c).

Nesta perspectiva, a recursividade é destacada como elemento importante da prática, de maneira que a realização da prática reconstrói a própria prática (FELDMAN; ORLIKOWSKI, 2011; GHERARDI, 2009b). Devido ao caráter dinâmico e recursivo das práticas ocorre o rompimento da separação entre sujeitos e objetos, uma vez que todos os elementos da prática são considerados pertencentes a um mesmo bloco (SCHATZKI, 2002). Para Reckwitz (2002) e Schatzki (2002) sujeitos e objetos fazem parte da prática, sendo, portanto, considerados necessários, mas não possuem predileção ou maior importância do que os outros componentes da prática. A medida que os elementos da prática interagem entre si, por meio do que Schatzki (2001) e Gherardi (2001) denominam redes, novas práticas emergem dessas relações entre humanos e materiais e produzem novos conhecimentos.



Deste modo, nas Teorias da Prática, o conhecimento se estabelece a partir da prática. Aqui temos o conhecimento como um termo muito caro para a teoria; caracterizando um contínuo processo de conhecer (*knowing*). Além disso, o *knowing* não pode ser considerado um recurso incorporado e estático, uma vez que é reconstituído de acordo com as práticas dos atores sociais (GHERARDI, 2009b; ORLIKOWSKI, 2002). Como o foco está na prática podemos dizer que a prática vai estabelecendo conhecimento (*knowing*) e envolve o processo de conhecer. Assim, à medida que temos este processo, novas práticas são estabelecidas e construídas, tornando a rotina temporária. Portanto, dentro das Teorias da Prática o conhecimento é o processo pelo qual as coisas são compreendidas (ORLIKOWSKI, 2002; RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2002).

Nas teorias da prática, a representação do *knowing* como um constante processo de conhecer altera, também, a maneira como a corporificação é estudada, uma vez que ela vem do processo de conhecimento que não pertence ao sujeito, mas às práticas. Assim a corporificação é adotada como os movimentos do corpo estabelecidos para a prática (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2001, 2002).

É importante ressaltar, porém, que a corporificação é característica aos sujeitos que, na perspectiva da prática, não possuem papel mais importante do que os demais componentes da prática (GHERARDI, 2009b; RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2001, 2002). O sujeito é considerado um agente que carrega com ele as práticas, ou, segundo definição de Certeau (1998) o indivíduo é um “veículo” das práticas. Desta maneira, o sujeito está imerso em uma rede de relações, assim como o corpo, as coisas e objetos, e os demais elementos da prática (RECKWITZ, 2002).

Os diversos elementos da prática e suas interações são estudadas de variadas formas, a depender da abordagem adotada. Trabalhos teóricos tais como os de Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010), Gherardi (2006), Reckwitz (2002) e Schatzki (2001, 2002) discorrem sobre a pluralidade das abordagens de prática, tornando complexa a classificação de uma teoria da prática unificada.

Os estudos sobre as práticas podem variar, por exemplo, conforme a epistemologia adotada. Segundo a epistemologia proposta por Gherardi (2009a), o estudo das práticas deve se basear em análises que decorram da premissa da simetria entre os actantes humanos e não-humanos. Portanto, para adotar neste estudo a

epistemologia das práticas segundo Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005, 2006) evidencio abaixo justificativas teóricas que sustentem tal escolha.

Primeiramente, para inserir esta pesquisa no campo da administração, parto do conceito de *organizing* (CZARNIAWSKA, 2004, 2008). O termo *organizing* é adotado pela perspectiva das práticas e se difere do termo *organization* porque enquanto este é estudado como uma organização estática, aquele parte do pressuposto de que as organizações estão em constante processo de construção e reconstrução (CZARNIAWSKA, 2004, 2008; SCHATZKI, 2006). Desta maneira, para investigar as organizações a partir da concepção da ideia de *organizing* é necessário considerar as organizações como (re)organizações, ou segundo Schatzki (2006) da maneira “como elas acontecem”.

De acordo com Schatzki (2006), o acontecimento de uma organização contém duas questões básicas. A primeira delas é a performance das ações e práticas que a constituem e a segunda é a ocorrência de eventos em que seus arranjos materiais sustentem essas atividades. Dizendo de outra forma, ao considerar um movimento de (re)organização constante (*organizing*), Schatzki (2006) afirma que esta maneira de organizar é mais do que aquilo que existe em tempo real, abrangendo as formas que perduram em suas práticas e arranjos materiais.

A compreensão dos arranjos materiais na abordagem do autor Theodore Schatzki pode ser considerada outra justificativa à utilização da sua perspectiva. Conforme afirma o próprio Schatzki (2002, p.71, tradução nossa) ele se opõe à teoria “ator-rede no que se refere a extensão das categorias de ator e ação para entidades de todos os tipos” e vai de encontro aos “teóricos que afirmam que as práticas compreendem as ações de várias entidades e não apenas as de pessoas”.

O estudo da materialidade não é o foco das obras de Theodore Schatzki, mas apesar de não se debruçar sobre este assunto, Schatzki (2002) afirma que não nega a agência não-humana. O autor considera que os arranjos materiais estão imersos nas redes de prática, mas não estão em simetria com os sujeitos, uma vez que são os sujeitos que carregam as práticas.

As práticas, segundo a definição proposta por Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005), e adotada neste estudo são atividades humanas organizadas, “um nexos organizado de

ações” (SCHATZKI, 2002, p.71) ou ainda, um “pacote” de ações composto pelos fazeres (*doings*) e dizeres (*sayings*) e por arranjos materiais. Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005) observa, contudo, que o não fazer e o não dizer também são considerados práticas e que os dizeres não necessitam da fala, pois algo pode ser dito através dos gestos. Outra característica da definição de práticas, segundo Schatzki (2001), é considerar as práticas como ações situadas no tempo e no espaço, não possuindo o mesmo significado se analisada em outro contexto.

É importante ressaltar que o fato de considerar práticas como um nexos organizado, não significa concebê-las como uma sequência de atividades ordenadas e facilmente classificáveis. Schatzki (2002) afirma que uma mesma ação pode fazer parte de mais de uma prática, o que faz com que não exista uma linha divisória entre elas. Além disso, como a recursividade da prática implica sua constante alteração, as atividades que a compõem não são sempre iguais, mas possuem alguma semelhança de maneira que exista uma ordem social composta por um arranjo de pessoas, artefatos e coisas (SCHATZKI, 2001). Portanto, a definição de prática proposta pelo autor vai além da descrição das atividades rotineiras de forma repetida e sequenciada como, por exemplo, um modelo de fluxograma que pode ser aplicado em diferentes tempos e espaços.

Segundo Schatzki (2002), as práticas são governadas por uma inteligibilidade prática, que é o que faz sentido para uma pessoa realizar determinada atividade. Esta inteligibilidade das práticas é o que concede significado à prática e à performance dos praticantes, governando a atividade humana (JÚLIO, 2015). Schatzki (2002) ressalta, também, que a inteligibilidade da prática não é regida pela normatividade e sequer pode ser considerada semelhante à racionalidade. Isto ocorre uma vez que a maior parte das ações humanas são guiadas por uma finalidade, que é construída pelo social e incorporada pelos indivíduos de uma prática (JÚLIO, 2015).

Schatzki (2002) discorre, ainda, sobre a intencionalidade da prática. Segundo o autor, a intencionalidade pode ser tratada como específica ou individual, pois embora a compreensão da prática seja dada de maneira social, as ações realizadas ou não pelos indivíduos fazem sentido para cada indivíduo que as realiza ou deixa de realizá-las.

Ao levantar as características das práticas, Schatzki (2002, 2005) discorre sobre três fenômenos em torno dos quais as práticas se organizam, quais sejam: entendimentos, regras e teleoafetividade. Segundo Schatzki (2002) estes são os três elementos que ligam os fazeres e dizeres de uma prática e formam sua organização, ou, conforme Santos e Silveira (2015), os entendimentos, as regras e a teleoafetividade ligam os fazeres e dizeres de uma determinada atividade humana em torno de uma mesma prática.

Primeiramente, Schatzki (2002) apresenta o entendimento fazendo referência ao *know-how*, mas conferindo um sentido dinâmico ao significado da palavra (*knowing-how*). Segundo o autor, os entendimentos são certas habilidades que pertencem às ações que compõem uma prática e, assim como a prática, estes entendimentos se repetem, mas não exatamente da mesma maneira. Diferente da característica individual da intencionalidade das práticas, o entendimento das práticas é compartilhado pelos indivíduos imersos em uma prática, que partilham os mesmos entendimentos em relação ao que faz ou não sentido para determinada prática (SCHATZKI, 2002). Ou seja, o entendimento é social e tanto o entendimento quanto o *know-how* não são características intrínsecas dos sujeitos, mas são pertencentes às práticas (JÚLIO, 2015).

Assim também ocorre com o segundo fenômeno caracterizado por Schatzki (2002). De acordo com o autor, é durante a socialização dos indivíduos que eles aprendem quais regras organizam as práticas em que eles estão imersos. Estas regras são, por exemplo, normas, instruções sobre como se deve proceder em uma determinada prática, convenções e prescrições sociais, além de princípios socialmente compartilhados (SCHATZKI, 2002). Para Santos e Silveira (2015) as regras podem representar uma codificação das ações passadas que influenciam o direcionamento das ações futuras de modo que ocorra um direcionamento de como as ações futuras devem ser executadas.

O terceiro elemento exposto por Schatzki (2002) é a teleoafetividade, ela é guiada pela finalidade, ou ainda, por um senso de propósito caracterizado por uma complexa combinação de emoções, humor e propósitos dos sujeitos (JÚLIO, 2015). A estrutura teleoafetiva que organiza uma prática é socialmente compartilhada e composta por uma série de projetos, tarefas e objetivos normatizados e hierarquicamente

ordenados, mas neste contexto, a normatividade se refere ao dever e à aceitabilidade dos praticantes em relação às ações (SCHATZKI, 2002).

Em síntese, Santos (2014) afirma que as regras organizam as práticas e as atividades realizadas pelos indivíduos, ao passo que o entendimento e a teleoafetividade organizam o que faz sentido para os praticantes fazerem. Deve-se considerar, contudo, que apesar das diferenças entre os elementos explicitados por Schatzki (2002), o entendimento geral de uma prática é social. Assim, existe uma estrutura compartilhada por esses elementos, chamada por Schatzki (2005) de estados mentais e que embora seja dinâmica, organiza as práticas (SCHATZKI, 2005).

Ao considerar a organização das práticas de forma distinta da abordagem proposta por autores como Gherardi (2009a), por exemplo; em âmbito ontológico, Schatzki (2001, 2005) aborda a ontologia de contexto (*site ontology*) segundo a qual a vida social está relacionada a um contexto (*site*) do qual ela é mais uma parte. Assim, segundo Júlio (2015, p.29), a ontologia de contexto é “um contraponto às ontologias individualistas e societistas, tidas como dicotômicas e reducionistas devido à incompletude do individualismo e à despersonalização e reificação do societismo”.

Diante desta perspectiva, Schatzki (2005) posiciona o contexto para além e não especificamente como um local físico. O autor afirma que o contexto deve ser considerado uma arena social onde ocorrem as práticas e fenômenos sociais, mas para Schatzki (2005), essa arena não é apenas onde os fenômenos ocorrem; ela é ao mesmo tempo constituída pelas entidades humanas e não humanas, assim como por toda a malha e arranjo de práticas. É a inteligibilidade das práticas e sua organização ao redor de entendimentos, regras e da teleoafetividade que organizam e dão sentido ao contexto social (JÚLIO, 2015).

Este contexto social pode representar, por exemplo, um roteiro turístico composto pelas atividades humanas e não humanas, além da malha e do arranjo de práticas que constituem um roteiro como prática. Portanto, para que sejam melhor compreendidas as articulações entre a Teoria das Práticas de Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005) e o campo de estudos dos roteiros turísticos, o capítulo seguinte foi construído com vistas ao aprofundamento da perspectiva do roteiro como prática.

## 5 ROTEIRO COMO PRÁTICA

As análises do campo de estudo dos roteiros e das contribuições dos EBP no campo do turismo, demonstraram a necessidade de uma abordagem específica sobre os roteiros turísticos, chamada aqui de “roteiro como prática”. Tal abordagem reúne contribuições anteriores do próprio campo do estudo sobre roteiros e contribuições específicas dos EBP, especialmente as articulações entre a Teoria das Práticas de Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005) e a abordagem do TAP (BISPO, 2016).

A pluralidade das abordagens das práticas, demonstrada na sessão anterior, originou diferentes caminhos pelos quais as práticas podem ser investigadas. A fim de definir de maneira geral os Estudos Baseados em Prática, Antonello e Godoy (2009, p.279-280) afirmam que:

Os estudos baseados em práticas partem da noção de uma realidade emergente, do conhecimento como uma atividade material, conectada a artefatos materiais: o social não só está relacionado aos seres humanos, mas também a artefatos simbólicos e culturais. A noção de prática é rica à medida que articula a noção de espaço-tempo do fazer dos atores, isto é, como práticas ‘situadas’, implicando incertezas, conflitos e incoerências como características intrínsecas a essas práticas (ANTONELLO; GODOY, 2009, p. 279-280).

Já Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010) sugeriram que os EBP fossem classificados de acordo com dois grupos: a “prática como objeto empírico” e a “prática como maneira de ver”. Na prática como objeto empírico as práticas consistem no lócus em que os pesquisadores estudam as atividades dos praticantes (CORRADI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010). Logo, pesquisas em EPS e aprendizagem baseada na prática são evidenciadas em trabalhos tais como os de Brown e Duguid (1991), Jarzabkowski e Lê (2016), Seidl e Whittington (2014) e Whittington (1996). Já a prática como maneira de ver, ou a prática como uma lente, significa uma forma de ver um contexto, portanto, uma epistemologia (CORRADI; GHERARDI; VERZELLONI, 2010; GHERARDI, 2009b) e pode ser evidenciada em trabalhos tais como Carlile (2002), Gherardi (2015) e Orlikowski (2000, 2002).

Essa classificação de Corradi, Gherardi e Verzelloni (2010) ilustra a chamada virada para a prática nos estudos organizacionais e foi a partir dela que surgiu, por exemplo,

a EPS, uma das abordagens que serão articuladas neste estudo para evidenciar os benefícios dos EBP.

Tradicionalmente o estudo sobre estratégia se baseava em análises que tratam a estratégia como algo que pertence às organizações, mas as características dos estudos em práticas concedem à perspectiva da EPS um embasamento teórico que torna possível e necessária a análise da estratégia como algo que as pessoas fazem (JOHNSON *et al.*, 2007). A EPS evidencia as inter-relações entre as pessoas e as práticas exercidas por elas no cotidiano das organizações (TURETA; LIMA, 2011) e ilustra a influência da abordagem da prática sobre abordagens tradicionais.

A proposta do roteiro como prática também sugere uma abordagem holística dos fenômenos analisados, considerando não apenas as interações dos turistas, mas de todos os elementos da rede de práticas de um roteiro. Esta preocupação também é ressaltada na abordagem do TAP proposta por Bispo (2016), ao evidenciar que o turismo como prática é uma oportunidade para ampliar o foco do turismo além dos turistas, profissionais do turismo e locais turísticos. O autor então discorre sobre a importância que os atores "não-turísticos" desempenham na atividade turística.

Ressalta-se que os atores turísticos e "não-turísticos" não são necessariamente humanos. Conforme a compreensão de Schatzki (2002) acerca das práticas, elas não compreendem apenas as ações de pessoas, mas também de entidades não humanas. Portanto, embora os arranjos materiais não estejam em simetria com os sujeitos, possuem influência na rede de práticas (SCHATZKI, 2002). Dizendo de outra forma, quando um turista visita Miami, por exemplo, faz parte da mesma rede de práticas do turismo que pessoas que trabalham diretamente com o turismo (atores turísticos humanos) e pessoas que apenas moram na cidade (atores não-turísticos humanos), mas podem influenciar o tráfego e fluxo dos turistas em Miami, dentre outros aspectos.

Da mesma maneira ocorre com as entidades não humanas; uma máquina caça níquel em um cassino pode representar um elemento turístico material, enquanto uma bicicleta do funcionário do cassino parada na calçada (elemento não-turístico e material) pode alterar a dinâmica de uma prática de turismo pelo simples fato de mudar a paisagem do local ou a percepção do turista em relação à organização das práticas.

A abordagem do roteiro como prática, assim como o TAP (BISPO, 2016) e a EPS, pressupõem um constante organizar, ou seja, a indispensabilidade de entender as organizações (substantivos) como processos de organização (verbo) (JARZABKOWSKI, 2005). Este processo de organização, ou processo organizativo, parte da conjectura de que as organizações são constantemente construídas e reconstruídas resultando no que, segundo Schatzki (2006), seria a forma “como elas acontecem”, ou ainda, as formas de organizar que se conservam em seus arranjos materiais e suas práticas.

É importante ressaltar que para Schatzki (2001, p.3, tradução nossa) a organização das práticas ocorre no campo “social” por meio de “práticas incorporadas, materialmente entrelaçadas e organizadas centralmente em torno de entendimentos práticos compartilhados”. São os entendimentos práticos compartilhados que tornam “a atividade prática [...] muito mais uma série de ações coletivas do que simplesmente algo isolado” (TURETA; LIMA, 2011, p.82). Partindo deste pressuposto, o conceito de práticas a partir do social permite que atividades complexas como o turismo (EDENSOR, 2001, 2007), que envolvem diversos elementos, sejam melhor compreendidas principalmente a partir de uma (re)teorização do turismo (BISPO, 2016) e do roteiro como prática.

Ao discutir a (re)teorização do turismo, Bispo (2016) intercede, principalmente, pela adoção de elementos turísticos como um *plenum*, desestimulando pesquisas que se referem à análise de conceitos complementares como se fossem dualismos ou elementos independentes. Assim como Jarzabkowski, Balogun e Seidl (2007) evidenciam a necessidade de não investigar o sujeito como um objeto isolado, mas investigar as relações entre o sujeito e os demais elementos, a apropriação desta afirmativa por meio do roteiro como prática permite o estudo do *plenum*, das relações que, embora possam ocorrer em tempos ou espaços diferentes, influenciam e são influenciadas pela prática de um roteiro.

Um exemplo de dois elementos fundamentais das práticas do turismo é detalhado por Bispo (2016). O autor afirma que a mobilidade e a performatividade não são dois “paradigmas” distintos, eles são elementos essenciais das práticas do turismo. Como se pôde observar ao longo da discussão aqui desenvolvida, os capítulos que discutem o campo de estudo dos roteiros e os EBP no campo do turismo demonstram que



frequentemente os trabalhos analisam mobilidade ou performatividade como elementos dualísticos (EDENSOR, 2001; LEW; MCKERCHER, 2006; PENG *et al.*, 2016; SOICA, 2016; XIA; ZEEPHONGSEKUL; ARROWSMITH, 2009; XIA; ZEEPHONGSEKUL; PACKER, 2011; YANG; FIK; ZHANG, 2013).

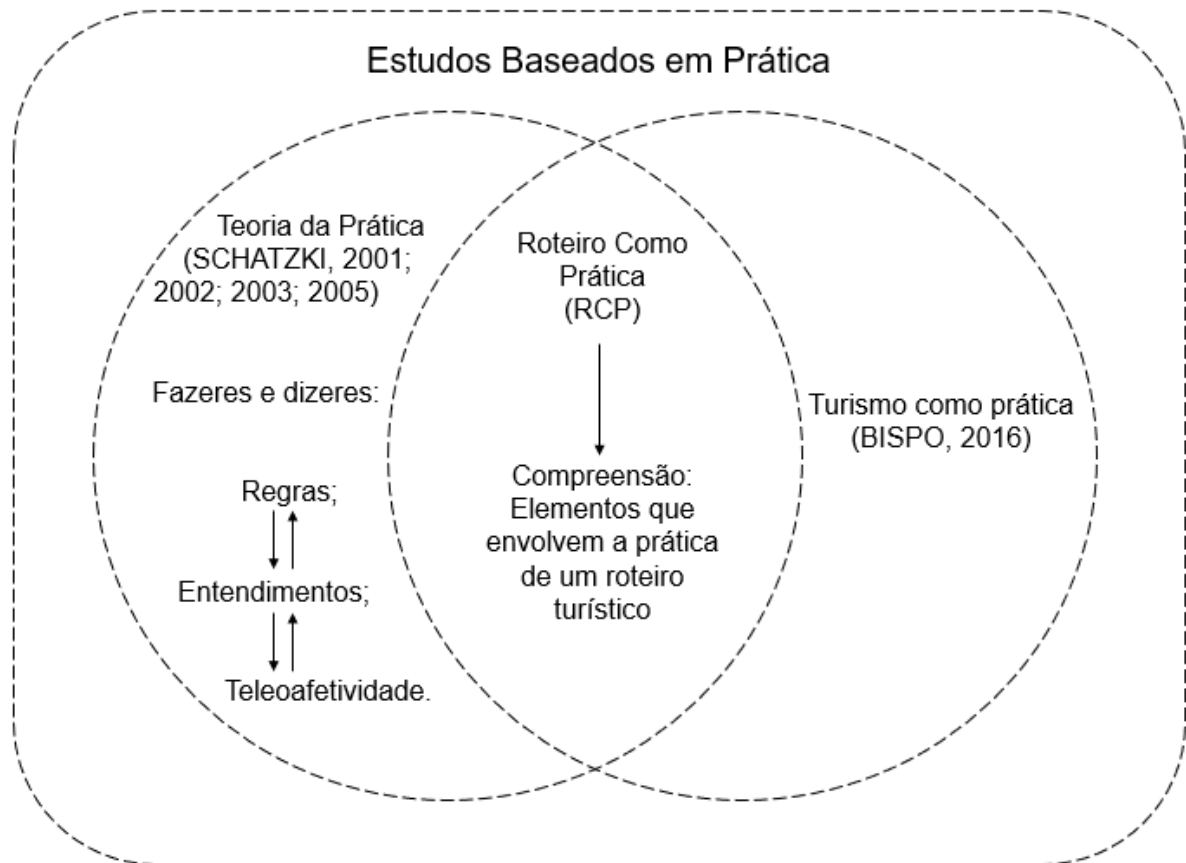
A análise e representação destes e de outros elementos como complementares e necessários à uma mesma prática turística corrobora com o estudo do roteiro como prática no sentido de dispor os entendimentos, regras e teleoafetividade como fenômenos centrais e compartilháveis da organização de uma prática (SCHATZKI, 2002, 2005) turística.

Compartilhar entendimentos, regras e teleoafetividade em torno de uma prática significa dizer que as regras que regem uma prática, os entendimentos que fazem sentido para que ela perdure ou não, e a teleoafetividade que determina aquilo que é aceitável que seja feito em uma prática (SCHATZKI, 2002, 2005) são fenômenos compartilhados por diferentes elementos imersos em uma mesma rede de práticas. A mobilidade e a performatividade analisadas por Bispo (2016) podem ser exemplos de elementos diferentes que compartilham a compreensão dos mesmos fenômenos ao estarem imersos no turismo como prática.

A abordagem do TAP desperta a atenção para o que Bispo (2016) chamou de um novo pensamento acerca de uma ontologia do turismo e possíveis epistemologias capazes de entender o turismo como prática organizadora. Tais características também podem ser designadas à abordagem do roteiro como prática, que busca oferecer avanços para o campo ao se diferir das abordagens tradicionais e identificar o roteiro como uma prática que integra diversos elementos turísticos, não apenas uma rota. Portanto, com o intuito de revelar como alguns elementos turísticos podem ser observados a partir da aplicação da proposta do roteiro como prática, os tópicos a seguir buscam ilustrar, com base no rigor epistemológico de Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005, 2006), uma investigação empírica dos usos do roteiro como prática.

## 6 ESQUEMA CONCEITUAL

Figura 1 - Esquema Conceitual



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O esquema conceitual acima articula os autores e principais aspectos tratados por eles, a fim de demonstrar os caminhos que serão percorridos para a investigação empírica.

Nesta pesquisa objetiva-se compreender os elementos que envolvem a prática de um roteiro turístico. Para tanto, parte-se da articulação entre a Teoria da Prática segundo a epistemologia de Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005) e a proposta do TAP (BISPO, 2016). As duas perspectivas são uma crítica ao dualismo dos estudos que não se baseiam em uma teoria da prática e ressaltam a relevância de compreender os fenômenos das práticas como elementos influenciáveis.

A partir da definição proposta por Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005), práticas são pacotes de ações compostos pelos fazeres e dizeres e por arranjos materiais. Os

fazer e dizer compreendem os entendimentos, regras e teleoafetividade que, segundo Theodore Schatzki, representam os elementos que organizam as práticas. Tais elementos foram levantados como aqueles capazes de permear tanto a abordagem das práticas sugeridas pelo autor quanto a abordagem do TAP (BISPO, 2016). Após as revisões de literatura e as articulações teóricas realizadas neste estudo, os entendimentos, regras e teleoafetividade representados a partir dos fazer e dizer foram investigados a partir da indicação de que estes elementos permitiram que surgissem de forma empírica as análises iniciais acerca da abordagem do roteiro como prática.

Acredita-se que a articulação dos aspectos aqui ressaltados é capaz de auxiliar na compreensão do roteiro como prática ilustrado a partir de uma pesquisa empírica realizada em uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória - ES.

## 7 METODOLOGIA

### 7.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Ao utilizar como base metodológica premissas e características do método qualitativo, defendo que ele é o mais adequado para compreender o roteiro como prática ilustrados pelos roteiros turísticos pesquisados em uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória – ES.

O método qualitativo é defendido nesta pesquisa pois, como demonstra Gray (2013) há um alinhamento com os objetivos proposto pela abordagem do roteiro como prática. Características tais como uma relação próxima entre pesquisador e pesquisado, o foco das pesquisas nos significados e entendimentos do que está sendo pesquisado e a relação indutiva e emergente entre teoria/conceito e pesquisa (GRAY, 2013) podem ser articuladas com aspectos da Teoria da Prática.

Creswell (2007) compartilha com Gray (2013) a visão de que a pesquisa qualitativa é emergente, mas o primeiro completa que diversos fatores podem ser alterados e refinados à medida que o pesquisador interage com o contexto pesquisado. Estas ideias fortalecem a afirmação de Bansal e Corley (2011) de que não existe um modelo para fazer pesquisas qualitativas; as descobertas podem ser acidentais e o rigor metodológico é transmitido por meio da autenticidade e sinceridade do texto. Tais características corroboram para as pesquisas fundamentadas em EBP no sentido de considerarem que cada prática possui suas características específicas e mais, que essas características se alteram e não são passíveis de uma análise padrão.

As análises a partir de abordagens qualitativas elevam o nível de envolvimento do investigador na pesquisa e nas experiências, tornando possível maior detalhamento do contexto pesquisado e da maneira como efetivamente se deu a pesquisa, assumindo, muitas vezes, a alteração dos objetivos em decorrência das necessidades evidenciadas na pesquisa empírica (CRESWELL, 2007).

O posicionamento do pesquisador enquanto elemento que interage com o campo pesquisado o influencia e é por ele influenciado, resultando na consciência da

reflexividade (CUNLIFFE, 2003, 2009) e na necessidade de transparência na pesquisa (BANSAY; CORLEY, 2011). A transparência ressaltada por Bansal e Corley (2011) implica que o pesquisador e sua voz sejam visíveis em seus manuscritos, sugerindo o uso da narrativa em primeira pessoa tanto para descrever os métodos quanto para as conclusões. Além disso, os autores destacam que a intimidade criada com o fenômeno de interesse possibilita ao leitor ver o mundo através dos olhos do pesquisador que, muitas vezes, capta as experiências dos pesquisados.

Segundo o delineamento de pesquisa proposto por Bauer e Gaskell (2002), adotei a observação participante como princípio do delineamento. Foi a observação participante que me possibilitou cumprir a segunda dimensão adotada pelos autores, qual seja: a geração de dados. Nesta dimensão a observação participante foi responsável pela geração de dados, apoiada, quando necessário, em entrevistas informais e registros visuais. A terceira dimensão é referente à análise dos dados. Nela realizei a análise em espiral (CRESWELL, 2012) que exigiu uma análise baseada em idas e vindas aos dados coletados a fim de que eu alcançasse a quarta e última dimensão da investigação social proposta por Bauer e Gaskell (2002), qual seja: os interesses do conhecimento. A partir de uma classificação não exposta pelos autores, mas que embasa esta pesquisa, o interesse do conhecimento do presente trabalho é a construção de um conhecimento baseado na prática.

O delineamento metodológico que adotei possibilitou que, por meio da minha permanência e aproximação com o campo, os métodos e as técnicas de coleta fossem capazes de me fornecer os subsídios necessários para que a análise esteja alinhada com o objetivo aqui proposto. Portanto, nos tópicos detalho como executei a coleta e análise de dados.

## 7.2 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados realizei análises das informações textuais e participei da dinâmica de roteiros turísticos do Espírito Santo, ressaltando as particularidades dos roteiros turísticos comercializados por uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória -ES. A descrição das etapas de coleta e tratamento dos dados seguem abaixo.

Realizei o procedimento da coleta de dados por meio de pesquisa documental, entrevistas informais e observações participantes. A pesquisa documental consiste em analisar documentos referentes a um passado, seja ele recente ou distante (CELLARD, 2008). De acordo com Foucault (2008) e Cellard (2008) os documentos enquanto livros, registros, contas, técnicas, entre outros, podem ser considerados memórias de uma consciência coletiva antiga, chegando por vezes a representar a quase totalidade dos indícios provenientes de uma determinada época. A escolha metodológica caminhou em direção ao quesito tempo. Assim, ao adotar a análise documental como técnica de coleta de dados, as mudanças ocorridas ao longo do tempo observadas nos registros foram utilizadas para me auxiliar na compreensão de elementos envolvidos no roteiro como prática, por meio da associação desta às demais técnicas.

Os documentos que utilizei para a análise documental foram leis e formas de incentivo relacionados ao turismo do estado do Espírito Santo, além de documentos internos à organização referentes ao atendimento aos turistas, tais como informações sobre a cidade de origem dos turistas, as datas que eles chegaram e deixaram o estado, os hotéis em que se hospedaram e os relatórios de atendimento. A análise destes documentos contribuiu para minha compreensão em relação aos progressos e desafios da oferta turística no ES e os motivos pelos quais a agência opta por ofertar um determinado passeio turístico baseado na origem, perfil e expectativa dos turistas que chegam no estado.

A utilização da pesquisa documental foi necessária para me auxiliar no delineamento da pesquisa empírica e na execução das demais técnicas de coleta, pois me possibilitou observar que, embora exista um protocolo que direciona os roteiros turísticos, os próprios relatórios da agência demonstram que na prática a dinâmica existente é diferente das prescrições.

Com o intuito de influenciar o mínimo possível na dinâmica dos roteiros turísticos, busquei captar as interações dos turistas, atendentes dos estabelecimentos que recebem os turistas e dos profissionais de turismo por meio das entrevistas informais que constituem uma técnica que se aproxima de uma conversa jogada fora, mas possui o objetivo de coletar dados fundamentais para a pesquisa (VERGARA, 2005). Este tipo de entrevista possui natureza informal e mais espontânea, sendo classificada

como não estruturada, e proporciona maior amplitude do que os outros tipos de entrevista (FONTANA; FREY, 2005), facilitando que o pesquisador direcione as perguntas de forma mais natural e o entrevistado responda com menos rigidez.

A flexibilidade ao realizar as entrevistas informais foi necessária para que os turistas não se sentissem incomodados com minha presença enquanto pesquisadora ou deixassem de viver as experiências do roteiro turístico para se voltarem especificamente para a entrevista. A abordagem e a execução das entrevistas informais ocorreram a partir de interações tais como conversas triviais, momentos de refeições, apreciações dos atrativos turísticos, entre outros.

Dentre as indicações metodológicas sugeridas por Bispo (2016), as entrevistas são destacadas como uma forma de levar o pesquisador a compreender situações e eventos passados, uma vez que a observação participante não permite que o pesquisador a testemunhe. Entretanto, o autor ressalta que as técnicas de observação são as mais adequadas para a identificação de aspectos de performatividade.

Para identificar este e outros aspectos das práticas, associada às demais técnicas de coletas de dados, utilizei nesta pesquisa a observação participante. Esta técnica é caracterizada pela relação de convivência estabelecida entre o pesquisador e os pesquisados; resultando um processo de coleta de dados que ocorre durante toda a permanência do pesquisador em campo. Assim como indica o nome observação participante, esta técnica de coleta não consiste apenas em observar, mas em participar do cotidiano dos pesquisados por meio de diferentes maneiras de interação, tais como participar de conversas triviais e estar atento aos relatos dos sujeitos pesquisados (SERVA; JAIME JUNIOR, 1995).

Participar da dinâmica do meio pesquisado, porém, implica dificuldades para o pesquisador. Estar imerso no contexto de pesquisa resulta, por exemplo, a interferência do pesquisador no cotidiano dos pesquisados, uma vez que ao revelar-se “para qualquer sujeito como um novo elemento do seu cotidiano, preocupado em investigá-lo, é inevitável a ocorrência de algum tipo de alteração” (SILVA; FANTINEL, 2014, p.3). Entretanto, a aproximação do pesquisador com o contexto estudado pode representar uma via de mão dupla, à medida que o investigador não apenas altera o cotidiano dos pesquisados, mas é por ele também alterado. Esta característica pode representar um desafio da técnica de observação participante.

Desta maneira, para superar o desafio da imersão em campo, Silva e Fantinel (2014) discorrem sobre a necessidade de se reconhecer a importância da aproximação do pesquisador com os pesquisados, para que assim o pesquisador alcance a confiança dos sujeitos. Os autores afirmam que uma via pela qual a imersão em campo pode se tornar uma vantagem da observação participante é o pesquisador estar aberto a novas experiências e disposto a desconstruir as ideias preconcebidas resultantes de suas construções sociais anteriores, vencendo o que Silva e Fantinel (2014, p.3) chamam de “limitações de ordem etnocêntrica do pesquisador”.

Apesar dos desafios que esta técnica de coleta de dados representa para o pesquisador, ela possui contribuições relevantes para as pesquisas no campo organizacional e foi aqui adotada pois acredito que tais características estão em consonância com os objetivos propostos por esta pesquisa. A observação participante permite ao pesquisador reconhecer os “imponderáveis da vida real” (MALINOWSKI, 1978, p.29), ou seja, desvelar o que está implícito na rotina dos pesquisados e dá significado às práticas do grupo (SILVA; FANTINEL, 2014). Além disso, ao lidar com o reconhecimento das novas culturas, ocorre um processo de aculturação do pesquisador, contribuindo para a desconstrução de hipóteses preestabelecidas, que comumente seriam perseguidas com o intuito de serem confirmadas, e cedendo espaço para um olhar que investiga o contexto pesquisado sob uma nova perspectiva, capaz de resultar investigações guiadas pelas necessidades observadas em campo (MALINOWSKI, 1978).

Cabe ressaltar, também, que registrei as observações realizadas em campo via diário de campo online. Por meio do aplicativo OneNote do celular, elaborei um documento para cada dia em campo e sincronizei com o Microsoft Word do computador. Além de facilitar minhas anotações dentro do ônibus, percebi que como as pessoas não me viam escrevendo em caderno (uma atividade considerada mais formal), sentiam-se mais à vontade para conversarem comigo sem a preocupação excessiva em relação aos meus registros. Realizei os registros nos diários do momento em que eu saía de casa para me dirigir à agência, local onde iniciava minha observação participante, até o momento em que eu retornava para casa. O diário online foi ótimo para me ajudar a registrar os acontecimentos bem próximo ao momento que de fato ocorreram porque entre uma conversa e outra lá estava eu anotando um monte de observações e sentimentos.



Ao todo foram 14 dias de observações assistemáticas que ocorreram entre junho e novembro de 2017, respeitando a sazonalidade dos eventos oferecidos pela agência e a disponibilidade de vagas para que eu pudesse participar da prática do roteiro. Antes de iniciar as observações participantes durante a prática dos roteiros, registrei no diário de campo dois dias de observação na agência, entrevistando os gestores e compreendendo as atividades operacionais que ocorrem na rotina da agência.

A agência de receptivo onde realizei a pesquisa disponibiliza seis passeios a partir de roteiros turísticos previamente estabelecidos. Dentre os seis, realizei dez observações participantes em cinco deles, das quais três foram no *city tour* Vitória/Vila Velha, três no passeio de praia para Guarapari, duas também em passeio de praia para Manguinhos, uma para explorar as belezas de Domingos Martins e uma para o agroturismo em Venda Nova do Imigrante.

Durante as observações, quando saímos de ônibus ou com grupos maiores, fui sentada ao lado do(a) guia, na primeira cadeira da janela, ao lado esquerdo, pois é o local onde o microfone do(a) guia é conectado. Quando estávamos em grupos menores ou em micro-ônibus, havia mais lugares sobrando então fui sentada no meio ou nas poltronas de trás do veículo para interagir mais com o grupo durante o tempo em que estávamos no veículo.

As outras duas observações participantes são resultado de duas situações em que o gestor da agência de receptivo me convidou. Um deles foi um evento entre operadoras de turismo de todo o Brasil e hotéis de Vitória para promover o turismo no estado do Espírito Santo. O segundo foi a recepção de um navio de cruzeiro que atracou no Porto de Vitória com cerca de quatrocentos e trinta turistas estrangeiros e trezentos e cinquenta tripulantes.

No total as técnicas de coleta de dados aplicadas geraram cento e dezoito páginas de diário de campo. Este diário contém o detalhamento cuidadoso dos ocorridos dia após dia; que foram desde as conversas e entrevistas que realizei, meus sentimentos, até as expressões características do grupo (CAVEDON, 1999). Posteriormente, utilizei as anotações do diário de campo como um meio para a análise dos dados e o alto nível de detalhamento dos dados me permitiu maior compreensão e possibilidade de aprofundamento do campo.

### 7.3 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Os sujeitos de pesquisa foram os guias e motoristas que trabalham para uma agência de turismo receptivo localizada na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo; os turistas que praticaram o roteiro; os atendentes dos estabelecimentos que receberam estes turistas e demais agentes do turismo e; os não-turistas que estiveram presentes na rede de práticas dos roteiros.

Como já discutido, Schatzki (2002) considera que as redes de prática são compostas pelas interações entre agentes humanos e materiais, mas os arranjos materiais não estão em simetria com os sujeitos, uma vez que são os sujeitos quem carregam as práticas. Portanto, em conjunto com a pesquisa documental, a observação participante e as entrevistas informais realizadas durante os roteiros turísticos, eles foram essenciais para minha compreensão dos elementos que envolvem a dinâmica de um roteiro turístico, incluindo as influências dos materiais.

É importante ressaltar, porém, que apesar de realizar a seleção dos sujeitos, ao assumir o rigor metodológico da Teoria da Prática, esta pesquisa não tem como foco os sujeitos a serem pesquisados, mas as práticas e as relações desses sujeitos com os demais elementos que constituem a prática e fazem emergir do campo novas práticas (RECKWITZ, 2002).

### 7.4 TRATAMENTO DOS DADOS

O tratamento dos dados provenientes das entrevistas informais e dos meus diários de campo ocorreu a partir de temas definidos *a posteriori* (KRIPPENDORFF, 2004) por meio do procedimento da análise em espiral proposto por Creswell (2012).

Inicialmente Creswell (2012) afirma que os processos de coleta e análise de dados, assim como o relatório de um projeto de pesquisa estão inter-relacionados e podem ocorrer simultaneamente. A entrada no campo não pode ser considerada totalmente

desconectada da revisão da literatura e da análise de dados (BISPO, 2016). Muitos procedimentos analíticos dos estudos qualitativos podem evoluir enquanto os pesquisadores estão em campo (CRESWELL, 2012), portanto é desejável que ao definirem o campo de estudo, os pesquisadores comecem a pensar e analisar todos os elementos da pesquisa de forma intercambiável (BISPO, 2016).

Portanto, a partir da interação entre campo, análise e relatório, Creswell (2012) declara que o processo geral de análise de dados pode ser melhor compreendido se pensarmos na imagem de um espiral que leva o pesquisador a um movimento em círculos analíticos. Um procedimento de análise em espiral vai ao encontro das características descritas por Bispo (2016) para a realização da pesquisa do TAP. Segundo o autor, a pesquisa TAP é um processo integrado e contínuo de ida e volta, que difere da pesquisa positivista, em que a revisão da literatura, a coleta de dados e a análise de dados geralmente são realizadas em etapas separadas (BISPO, 2016, p.175, tradução nossa).

Para a realização de uma análise de dados que privilegia esta integração entre as diversas etapas de uma pesquisa, Creswell (2012) elaborou um quadro reunindo as estratégias de análise geral dos dados segundo autores de tradições qualitativas de pesquisa que adotam diferentes perspectivas. Este quadro é composto por um caminho de estratégias analíticas que foram adotadas neste estudo, considerando que estas estratégias, muitas vezes, ocorrem ao mesmo tempo e em um movimento de ida e vinda, não de forma linear.

A primeira estratégia analítica possui como característica principal “esboçar ideias”. Neste momento destaquei algumas informações no diário de campo e, utilizando o sistema de revisões do Word, inseri comentários com algumas anotações referentes a algumas situações que chamaram minha atenção ou se repetiram durante a realização dos roteiros turísticos.

A segunda estratégia consistiu em “fazer anotações”. Nesta etapa, também com o auxílio do sistema de revisão do Word, inseri comentários mais reflexivos, articulando alguns episódios, diversos diários de campo e, algumas vezes, especulando um motivo pelo qual aquele fato que despertou minha atenção poderia ter acontecido. Este foi um processo que me fez refletir muito sobre os sentimentos, percepções, interações, experiências, dentre outros, que algumas situações despertaram em mim

e o como aquelas situações podem ter sido percebidas por outras pessoas e despertado nelas algum sentido durante a experiência de um roteiro como prática.

O terceiro tópico consiste na estratégia de “resumir as notas de campo”. Esta estratégia me permitiu uma visão mais condensada e organizada das ideias e anotações que eu já havia feito nos diários de campo e foi fundamental para o cumprimento da quarta estratégia: “trabalhar com palavras”. Este trabalho com as palavras consistiu em fazer metáforas a partir de alguns fragmentos do resumo das notas de campo e foi o primeiro momento em que pude identificar alguns temas amplos. Portanto, a análise em espiral que realizei neste trabalho possui temas definidos *a posteriori* (KRIPPENDORFF, 2004).

Após a identificação de alguns possíveis e amplos temas de análise, os dois passos subsequentes foram “identificar os códigos” e “reduzir os códigos a temas menores”. Estas foram as etapas iniciais que mais recorri ao referencial teórico. Primeiramente transformei e classifiquei as metáforas em códigos e observei que alguns deles se repetiam mais vezes, determinando temas padrões. Após notar a repetição de frequência de alguns códigos, o quadro elaborado por Creswell (2012) sugere que o pesquisador “conte a frequências dos códigos”, então após contar tais frequências dei início à etapa seguinte de “relacionar temas”.

Ressalto que os códigos mais frequentes foram utilizados como temas padrão, mas os códigos menos frequentes não foram simplesmente excluídos, eles foram considerados na análise na medida em que se apresentaram úteis para abordar determinados aspectos. Os dados que apareceram com menor frequência não foram necessariamente menos importantes, muito pelo contrário, eles foram acessados para justificar momentos específicos, tais como aqueles em que as relações não foram evidentes o tempo todo. Isto justifica os trechos das análises onde as situações descritas não compreendem os temas mais frequentes relacionados.

Ao relacionar tais temas de acordo com suas frequências, percebi que eles indicavam pequenos grupos que se relacionavam dentro de grupos maiores. Além disso, ao organizar as evidências em uma cadeia lógica, automaticamente senti a necessidade de contextualizar os temas segundo o referencial teórico e esta foi a nona estratégia utilizada na análise em espiral, relacionando os temas com a estrutura analítica na literatura.

Por fim, adotei as duas últimas estratégias de forma unificada com a intenção de “criar um ponto de vista”; relacionado com o direcionamento epistemológico que guia este estudo e “apresentar os dados”; que farei no capítulo seguinte.

Antes de discutir a análise, apresento os temas que emergiram do campo como representações da ilustração da proposta deste trabalho (aqui representados por fazeres e dizeres) que compreendem as regras, entendimentos e teleoafetividade, ou seja, os elementos que organizam as práticas (SCHATZKI, 2002) do roteiro como prática. A análise dos dados revelou dez temas que demarcaram os fazeres e dizeres.

Quadro 2 – Temas emergentes da análise de dados

<b>Fazeres e dizeres</b>	<b>Temas que demarcaram os fazeres e dizeres</b>
	#Quanto tempo tem?
	#Gentileza gera gentileza
	#Tem gosto de quê?
	#Atendimento
	#Outsider
	# <i>Always moving</i>
	#Também quero
	#Miss simpatia
	#Conheça o Espírito Santo
	#tbt ( <i>throwback thursday</i> )

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O quadro acima ilustra os temas que estão relacionados com a organização das práticas e demarcaram os fazeres e dizeres (SCHATZKI, 2003) do roteiro como prática. Ressalto que, apesar de ter separado os dados de acordo com os aspectos comuns mais recorrentes durante minha permanência em campo, as interações que ocorreram entre os elementos humanos e materiais, turísticos e não-turísticos, estão imersos em uma mesma prática e interligadas entre elas, que vão além dos aspectos mais recorrentes. Desta forma, a fragmentação dos dados pode ser considerada uma maneira ilustrativa de organizá-los, não uma característica fixa da organização do roteiro, uma vez que a epistemologia das práticas implica a análise das organizações como processos em constante alteração (SCHATZKI, 2006).

## 7.5 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

A utilização de entrevistas, sejam elas formais ou informais, possui limitações tais como: a falta de receptividade do entrevistado para com o entrevistador, a possibilidade do entrevistado não responder as perguntas de forma verdadeira ou a chance do entrevistador interpretar de forma equivocada as respostas do entrevistado. Além disso, devemos considerar que o entrevistado pode ser influenciado pelo entrevistador.

Para atenuar as limitações metodológicas, me aproximei dos entrevistados em busca de causar empatia entre as partes, assim a observação participante pôde reduzir os problemas da falta de receptividade do entrevistado, da má interpretação das respostas do entrevistado e aumentar a possibilidade do entrevistado responder as perguntas de forma verdadeira.

Outra relevância da observação participante nesta pesquisa para diminuir os problemas relacionados às limitações metodológicas consiste no fato de que a observação permitiu que eu me relacionasse com os sujeitos de pesquisa, facilitando a compreensão da linguagem dos pesquisados.

Quanto à minha influência sob o pesquisado, busquei ter sensibilidade e consciência do processo de reflexividade (CUNLIFFE, 2003, 2004).

## 8 RESULTADOS

Neste tópico retomo os temas que demarcaram os fazeres e dizeres e emergiram da análise dos dados a partir de uma ilustração da perspectiva do roteiro como prática.

### 8.1 #QUANTO TEMPO TEM?

O primeiro tema a emergir na pesquisa de campo foi o tempo, relacionado à quantidade de horas que determinados elementos estão em interação dentro do roteiro e aos horários marcados para que cada atividade aconteça.

Durante minha permanência dentro da agência de turismo receptivo, o fator tempo já havia sido discutido pela pessoa responsável pela oferta dos passeios turísticos. Segundo ela, existem estabelecimentos que não funcionam todos os dias, como por exemplo, o Museu da Vale e o Fjordland em Pedra Azul que não abrem para o público em determinados dias e horários.

Apesar de ser considerado um complicador para a agência, que optou por não incluir o Museu da Vale no itinerário do roteiro e que nem sempre pode oferecer a visita ao Fjordland, o tempo leva o roteiro a ser analisado sempre de forma dinâmica.

Observei diversos exemplos das relações com o tempo na prática do roteiro. Como um dia, quando havia menos hotéis para buscar os turistas, consequentemente chegamos ao Galpão das Paneleiras de Goiabeiras um pouco mais cedo do que as outras vezes. Era por volta das 09:00h e nem todos os estandes estavam abertos. Ao chegar notei que algumas pessoas ainda estavam chegando para trabalhar, outras, mesmo já com o estande montado, não pareciam muito dispostas a iniciar de fato suas atividades e apenas uma pequena parcela já estava pronta para mais um dia de trabalho.

Neste dia, além de estarmos em um grupo pequeno, o dia estava nublado e “meio preguiçoso”. Os turistas entraram no galpão, ouviram as informações da guia em relação ao processo artesanal das painéis, olharam rapidamente o trabalho de uma

única senhora que polia os produtos e um estande que continha uma senhora para atender, mas logo em seguida já se juntaram do lado de fora do galpão.

**Fotografia 1** - Turistas no Galpão das Panelleiras



Fonte: registro fotográfico realizado pela autora (2017)

A fotografia 1 retrata minha observação em relação ao pouco entusiasmo dos turistas ao visitarem o Galpão das Panelleiras com apenas duas panelleiras trabalhando, resultado da interferência do horário em que chegamos ao Galpão. Aparentemente os turistas não se mostravam muito empolgados para comprarem uma panela. A maioria dos turistas falou que o produto é difícil para transportar na mala e pesado para levar como bagagem de mão, o que de fato é verdade, mas não impediu que em todas as outras visitas ao Galpão das Panelleiras os turistas comprassem diversas panelas. Como resultado, aquele dia apenas uma mulher comprou duas panelas.

Observei que a aparente falta de interesse dos trabalhadores do Galpão das Panelleiras também despertou a falta de interesse dos turistas em relação à compra do produto, mas como aquele ponto de parada existe como uma forma dos turistas conhecerem a produção da panela que irá servi-los no restaurante, notei que a guia se esforçou ao máximo para despertar interesse e integração entre os turistas. A aproximação incitada pela guia realmente ocorreu e gerou uma estrutura teleoafetiva, o que será discutida mais tarde. Afinal, ainda temos muito tempo para explorar os roteiros turísticos.



Outro momento em que observei o tempo como pertencente à prática do roteiro foi quando em um outro dia, também durante a prática do roteiro de Manguinhos, fomos ao centro de Manguinhos. Passamos em uma praça estreitinha, com estrutura para barracas e em volta algumas lojinhas de artesanato com fachadas bonitinhas, mas que estavam fechadas. Enquanto o micro-ônibus passava pela rua e a guia apresentava o centro, nós ficávamos olhando a fachada das lojas com o intuito de ver o que era comercializado ali, mas com as lojas fechadas a rua que poderia ser um charme de Manguinhos passa a ser um local de passagem.

## 8.2 #GENTILEZA GERA GENTILEZA

Algumas regras, mesmo quando estabelecidas de forma tácita, são compartilhadas por diversos praticantes do roteiro. Não existe, por exemplo, um informativo na porta do micro-ônibus com a frase “ao entrar, diga bom dia”, mas automaticamente quando as pessoas entram no micro-ônibus cumprimentam aqueles que estão lá dentro e seu grau de aceitação em relação ao grupo já se inicia naquele momento, a depender da entonação, sorriso ou simpatia com que este gesto é realizado.

A gentileza está presente em diversas práticas do cotidiano, e no roteiro como prática pode ser classificada como regra tácita que se manifesta em muitos momentos. Nos instantes em que um grupo de turistas estava fotografando em locais pequenos, por exemplo, os outros grupos ou indivíduos aguardavam o primeiro fotografar (ou ajudavam tirando a foto) para não serem registrados e obstruírem a foto alheia e só depois eles se dirigiam ao local para também serem fotografados. Parecia uma regra de etiqueta “não atrapalhe a minha foto e eu não atrapalho a sua”.

**Fotografia 2** - Turistas aguardando para fotografar



Fonte: registro fotográfico realizado pela autora (2017)

Apesar da fotografia 2 ilustrar o exemplo de uma situação em que os turistas foram gentis uns com os outros aguardando para não atrapalharem a foto da senhora que estava na escada, em outros momentos pude observar que gentileza gera gentileza, mas a falta dela gera problema, tal como a exclusão por parte do grupo. Diversas vezes observei que as pessoas que reclamavam, estavam mal-humoradas ou não foram educadas (segundo as regras compartilhadas pelos grupos) foram “jogadas para escanteio”.

Um episódio em especial deixou muito clara essa relação. Em um dos passeios para Guarapari, o guia comentou que no grupo tinha uma senhora que queria que ele guardasse um lugar para ela sentar na frente, mas ele disse que não poderia fazê-lo. Quando chegamos ao hotel ela já estava sozinha do lado de fora esperando para entrar no ônibus. A senhora entrou, guardou o lugar, me cumprimentou balançando a cabeça e perguntou "ué, você já está aí?". Como quem diz “como você entrou antes de mim?”. Eu respondi que estou com a agência, então ela desceu e eu fiquei no ônibus observando quem entrava.

Vi que uma das senhoras usava uma muleta, mas quando ela entrou no ônibus os lugares da frente já estavam reservados e uma das senhoras comentou "já pegaram o seu lugar?". A senhora de muletas respondeu "Não me importo com isso não. Quando nós fomos pra Manaus, um dia antes fulana deu a bolsa pro motorista guardar

o lugar dela no dia seguinte" que era exatamente o que ela queria que o guia fizesse. A fulana que elas estavam falando era exatamente aquela que estava aguardando na porta do hotel quando chegamos e correu para pegar o lugar da deficiente.

Dentre muitas senhoras havia duas mulheres mais novas e uma delas deu a ideia de isolar a senhora que guardou o lugar, então elas contaram os lugares e todos começaram a ocupar o ônibus de trás para frente. As pessoas que já estavam dentro do ônibus mudaram suas coisas para trás e todos que chegavam eram avisados sobre o "motim"! Quando a senhora que guardou o lugar entrou no ônibus, algumas pessoas no fundo do ônibus aproveitaram que ela já estava sentada de costas e sinalizaram para aquelas que estavam entrando sentarem no fundo. Nesta hora o guia me chamou para aguardar na portaria do hotel o rapaz da agência responsável pelo grupo. Desci do ônibus e fui para a portaria, mas fiquei na portaria de olho no movimento das pessoas dentro do ônibus.

Quando o ônibus começou a encher e as moças não poderiam mais explicar dentro do ônibus o que estava acontecendo (para que a senhora que guardou lugar não ouvisse), uma das moças ficou na portaria do hotel avisando aos que ainda estavam descendo. Em certo momento ela contou para algum turista na nossa frente o que havia ocorrido, o guia começou a rir e eu, já ciente da situação, tentei me conter, mas foi realmente muito engraçado!

Após todos os turistas estarem no ônibus, o guia e eu também entramos e a senhora que havia guardado o lugar e uma amiga que estava com ela ficaram isoladas e separadas por duas fileiras de poltronas vazias. Durante alguns instantes elas se apoiaram no encosto da cadeira para olharem para atrás e tentarem entender o que estava acontecendo. Percebi que momentos depois elas compreenderam que a separação em relação às outras pessoas foi proposital e que o fato das cadeiras estarem reservadas não agradou o restante do grupo, mas elas sequer se ofereceram para trocar de lugar com a mulher com limitação física. Como praticamente todos eram idosos, certamente a idosa e deficiente física deveria usufruir daquele espaço.

Fiquei refletindo até onde poderia ser considerado engraçado e em qual momento a atitude de excluir aquelas mulheres devido ao compartilhamento de uma regra (que neste caso é explícita porque no vidro do ônibus havia um adesivo que reservava os lugares da frente para idosos e deficientes) poderia surtir efeitos negativos durante a

prática do roteiro. De qualquer maneira, estava claro que a prática do roteiro vai além do guia, das diretrizes definidas pelos profissionais da agência e inclui elementos materiais turísticos, como o ônibus e as cadeiras, os turistas e, no caso deste roteiro, até uma pesquisadora achando engraçada a relação entre humanos turísticos e materiais turísticos.

### 8.3 #TEM GOSTO DE QUÊ?

Outro compartilhamento de regras que ficou evidente foi em relação à experimentação de tudo o que fosse possível. Este foi um tema que teve origem exclusivamente em regras tácitas.

Em todos os dias de pesquisa de campo a necessidade pela experimentação ficou muito evidente. Pessoas que não gostam de licor degustaram todos os sabores disponíveis; as que não comem cebola, experimentaram a cebola bêbada; as que não conheciam o socol degustaram com um, com dois, com três antepastos diferentes e levaram a iguaria para casa; aquelas que não conheciam o peroá, se deliciaram com ele na beira da praia; as que não gostam de café, beberam o “café do Jacu”; e até aquelas que não sabiam o que era determinada fruta (e se realmente era comestível) fizeram questão de experimentar.

**Fotografia 3** - A necessidade de experimentação



Fonte: registro fotográfico realizado pela autora (2017)



Presenciei três episódios que imediatamente me fizeram perceber este tema de análise. O primeiro deles foi uma das vezes que experimentaram um café especial e pode ser descrito nas notas de campo abaixo e representado pela fotografia 4:

Outro café que a guia falou foi “o café do jacu”, um seletor natural dos grãos de cereja do café arábica. O pássaro engole o grão e dentro do intestino ocorre um processo químico que descasca o café e, junto com as fezes do pássaro sai um grão de baixa acidez e médio amargor e doçura, que é higienizado e está pronto para o consumo. Este é um dos cafés mais caros do Brasil (talvez o mais caro) e está entre os cinco cafés mais caros do mundo, vendido como Jacu Bird ou Café exótico.

**Fotografia 4** - Conhecendo o “café do Jacu”



Fonte: registro fotográfico realizado pela autora (2017)

Após a explicação sobre o café, os turistas ficaram interessados para conhecerem o mesmo, então uma das moças que estava conversando comigo se animou para experimentar e disse:

“apesar de eu não gostar muito de café quero experimentar esse diferente”. Logo ela e o pai tomaram uma xícara de café, – ela bebeu um gole sem açúcar e não fez cara boa, o pai bebeu outro; ela adoçou o café (a guia sorriu e fez um sinal de negativo com a cabeça dizendo que não se adoça café), e bebeu o restante - um outro casal e eu também pedimos uma xícara.

No caso acima, mesmo a turista dizendo que não gostava de café e uma pequena xícara ter o preço relativamente alto (se comparado ao preço de outros cafés), conhecer aquilo que é novo para ela e representa o ES despertou a necessidade de experimentação. Assim como quando:

[...] Fui andando para o outro lado, onde o casal havia ido passear, mas eles já estavam voltando. Os encontrei no caminho e a mulher estava com uma

frutinha nas mãos. Logo, ela me parou e perguntou “Pode comer? Tem gosto de quê?”. Respondi que podia comer sim, mas estava um pouco verde e que tinha um gosto que eu não sabia explicar direito (eu realmente não sabia explicar). [...] Quando voltei para o restaurante, o casal estava com a fruta em cima da mesa; a mulher olhava para a fruta, pegava, cheirava, colocava na mesa, pegava novamente, até que perguntou para o garçom o nome da fruta e o sabor dela. Era Abiu, mas o garçom também não soube explicar muito bem o sabor até que, finalmente, a mulher experimentou a frutinha e disse que não estava muito doce, mas comeu até o fim!

Casos como os dois relatados foram comuns, quando o humano turístico parece sentir a necessidade de experimentar o elemento material turístico nas particularidades que o roteiro pode oferecer.

Outros casos também chamaram minha atenção. Notei que mesmo pessoas de grupos diferentes contavam o que haviam conhecido e experimentado nos dias anteriores e indicavam que os demais turistas fizessem a mesma coisa, muitas vezes usando a frase “você tem que...”. Em meu diário de campo, registrei uma destas situações da seguinte maneira:

Era um grupo grande, majoritariamente composto por casais da “melhor idade” e muito viajados [...] Diversas vezes os ouvi comparando Guarapari com outras praias, tais como as praias da Europa (por causa das pedras), praias do Nordeste (comparando a temperatura das águas); falando de hospedagens em diferentes hotéis e comentando sobre as comidas. Até que um dos senhores disse que havia saído na noite anterior e comido a moqueca capixaba. Em seguida ele perguntou se o outro casal de turistas também tinha experimentado a moqueca e quando o casal disse que não, ele foi incisivo ao responder “Vocês precisam experimentar, é uma delícia! Bem temperada e ao mesmo tempo leve. Muito diferente daquela comida que fulana (a esposa) e eu experimentamos em Cancun e ficamos dois dias passando mal”. Aparentemente eles gostaram tanto que na hora do almoço, no quiosque de Guarapari, os dois casais se sentaram juntos e pediram uma porção de peroá e uma de moqueca capixaba. Ou seja, não precisa combinar, tem que experimentar!

Nas experiências aqui relatadas ficou clara para mim a capacidade da prática do roteiro transformar, pelo menos durante o roteiro, os gostos das pessoas. Por exemplo, quando o humano afirma não gostar de café, mas toma o café no roteiro, como se o humano e o material, mulher e café que não se relacionam no cotidiano, na prática do roteiro se transformam em humano e material turísticos, turista e café turístico que se relacionam na prática do roteiro. Temos, portanto, evidências do caráter transformador da prática do roteiro sobre humanos e materiais.

## 8.4 #ATENDIMENTO

As regras que envolvem o tema atendimento ocorrem a partir da relação entre a necessidade que os agentes turísticos possuem de atender os turistas e que os turistas possuem de serem atendidos. Aparentemente pode ser uma relação simples e óbvia (agentes atendem e turistas são atendidos), mas as interações que ocorrem e emanam desta relação se iniciam com as regras e podem culminar em interações reguladas, por exemplo, pela teleoafetividade.

Observei que as regras que envolvem atendimento vão além de simplesmente atender, mas envolvem a necessidade de agradar os turistas. A partir do compartilhamento desta regra os turistas esperam que sejam bem atendidos e quando não são ocorre a insatisfação.

Algumas situações evidenciaram diversos tipos de interações em relação ao atendimento no roteiro como prática. Uma delas é a relação que os turistas possuem com a degustação. Mesmo quando não existe um atendente explicando as categorias dos produtos, a influência do material (a partir da possibilidade de experimentar) altera toda a dinâmica do atendimento e deixa o turista satisfeito com a compra, pois ele está comprando um produto que realmente gostou.

Além de comprar um produto com a garantia de que é bom, outra regra que permeia o atendimento e aumenta a satisfação do turista é a necessidade que os atendentes e estabelecimentos possuem de agradá-los. Alguns episódios que evidenciaram esta relação entre as regras de atendimento e a necessidade dos atendentes serem agradáveis foi descrita no diário de campo com o seguinte trecho:

Os garçons nos conduziram às mesas localizadas abaixo de um bangalô de frente para a praia. Toda a área principal do restaurante tem o chão de areia, o que nos dá a impressão de estarmos realmente na areia da praia. Assim que nos sentamos, um dos garçons passou de mesa em mesa se apresentando, perguntando o nome e a cidade de cada um de nós. Achei isso bem legal! Ao mesmo tempo em que o garçom sugeria o pedido, explicava sobre a praia e o tipo de peixe de cada prato oferecido pelo restaurante. Foi um diálogo inicial que nos deixou bastante à vontade. Assim, um momento que poderia ter sido alguns minutos um pouco forçados para fazer o pedido, foi leve e natural. Todas as mesas fizeram seus pedidos e marcaram a hora para o almoço ser servido.

Já em outro dia, no mesmo local, os mesmos garçons simpáticos nos levaram para conhecer a igreja da região, passando por dentro da propriedade da família, apontando as casas e falando “quem mora aqui é um tio, aqui é outro, aqui é minha avó, eu moro nessa casa”. Este exemplo demonstrou que apesar dos garçons deste restaurante serem sempre muitos simpáticos, a prática daquele dia foi diferente dos outros dias que presenciei porque esta foi a única vez que fomos levados até a igreja. Até porque a visita à igreja não faz parte da descrição do roteiro, mas pertence ao roteiro como prática em torno da relação de um elemento material turístico, a igreja, e humanos turísticos, os garçons e turistas.

Após a reflexão sobre o atendimento oferecido pelo estabelecimento e a maneira como este atendimento foi descrito nas notas de campo, os casos acima ilustram casos em que as regras que envolvem o atendimento resultaram uma aproximação dos atendentes com os turistas. Entretanto, o contrário também pode ocorrer tanto com os turistas, quando ficam insatisfeitos com o atendimento, quanto com os guias e motoristas, quando não são bem tratados nos estabelecimentos. A fala de uma das guias durante a entrevista informal foi descrita *ipsis litteris* no diário de campo e torna esta relação evidente:

Quando voltamos para o ônibus a guia me contou que o dono da agência sabe que ela prefere ficar de folga a fazer passeio para as montanhas. Segundo ela, os donos dos estabelecimentos tratam mal os guias e motoristas, então ela não gosta de fazer os passeios para lá. A guia disse assim “Eles precisam agradar o guia e o motorista. Eles têm que entender que se eu mandar eles (turistas) comprarem, eles compram, mas se eu falar pra não comprar porque é caro ou outra coisa, eles não compram. O guia e motorista são peças fundamentais”. Reparei, inclusive que na parada a guia não gostou quando uma das atendentes da lanchonete pediu para ela retirar a ficha no caixa e a menina do caixa falou que guia e motorista podem pedir sem as fichas. A guia disse “mas a menina do balcão acabou de falar pra eu retirar a ficha (virando os olhos)”.

A prática do roteiro transforma humanos em humanos turísticos com expectativas relacionadas aos papéis assumidos nessa prática, não é um motorista qualquer, é um motorista turístico, não é uma guia qualquer, é uma guia turística. Nessa transformação a prática habilita expectativas, a de serem tratados de uma maneira específica, e habilidades ligadas a humanos e materiais turísticos, por exemplo, a de convencer os turistas a comprarem ou não produtos de determinados lojistas. O elemento material, como o lanche, descrito no fragmento acima, ao se transformar em um elemento material turístico oferecido aos turistas, passa a se relacionar nas habilitações da prática do roteiro. Nesse sentido o lanche pode se transformar em algo



bom ou ruim, a ser consumido ou não, por uma relação que vão além da materialidade do lanche em si, em termos de seus ingredientes ou sabor, mas, também, em função das relações com o guia turístico dentro da prática do roteiro.

## 8.5 #OUTSIDER

O tema “#outsider” está relacionado com a capacidade de um praticante entender determinada prática ou, como indica a palavra outsider, a capacidade de um praticante não compartilhar o entendimento da prática. Esta compreensão é compartilhada pelos praticantes em relação ao que faz sentido que os mesmos façam ou não em uma prática.

Apesar dos praticantes, na maioria dos casos, compartilharem os entendimentos do roteiro como prática, existem situações em que o entendimento do roteiro exige um grau de sensibilidade maior para compreender o motivo pelo qual determinada ação faz parte da prática e porque ela é executada daquela maneira. Um caso evidenciado no diário de campo explica:

Ainda no Galpão das Panelas [...] o casal falou comigo “nossa, esse jeito de queimar não deveria ser assim, libera muita fumaça, é feito ao ar livre. Olha como as pessoas ficam no sol, elas têm a pele castigada e respiram toda essa fumaça”. Eu justifiquei e lembrei a eles que a guia havia dito que é uma tradição passada de mãe para filha e eles nem me deixaram completar a frase, retrucando “eu sei, mas eles deveriam evoluir. Se for para melhorar, tudo tem que mudar”.

O caso acima retrata o comentário de duas pessoas que questionaram e se opuseram à forma como as panelas queimam as panelas. Mesmo com a explicação de que os produtos são artesanais, feitos da mesma forma que eram feitos pelas mães, avós e bisavós das atuais panelas e possuem reconhecimento histórico. Os turistas não compartilhavam o entendimento daquela prática artesanal que faz parte do roteiro como prática.

O não compartilhamento de entendimentos entre turistas ocorre com certa frequência na prática do roteiro, inclusive por ser uma prática com aspectos distintos das que comumente são realizadas no cotidiano das pessoas. A prática do roteiro reúne em um curto espaço de tempo humanos de diversas regiões ou países em relações entre humanos e materiais que comumente nunca se relacionaram. Obviamente isso

remete a não compartilhamentos potenciais em níveis distintos de uma prática que ocorre todos os dias na vida de um humano, por exemplo, ao trabalhar. Essa distinção pode remeter ao entendimento de que a prática do roteiro seria a prática do dissenso, mas não é esse o caso, como discutirei a seguir, essa prática apresenta compartilhamentos que permitem lidar com o não compartilhamento, ao mesmo tempo em que propicia que ele ocorra.

## 8.6 #ALWAYS MOVING

Este tema está relacionado com o entendimento de movimento compartilhado no roteiro como prática. Observei que os praticantes dos roteiros compartilham o entendimento de que “turistar” consiste em explorar todos os lugares, objetos, sabores e cores possíveis e permitidos. Algumas vezes eles exploram até os não permitidos, como quando por exemplo, comem qualquer fruta que veem pela frente sem perguntar se podem retirar do pé. Existe um compartilhamento implícito na prática que exige que os turistas aproveitem tudo o que pertence ao roteiro turístico. Estes momentos são ilustrados pela interação entre um turista (humano e pertencente à prática turística) e um alimento, objeto ou local (elemento material que pode ser turístico ou não-turístico).

Estas interações ocorreram em muitos dias de campo. Nos dias que fomos à praia, notei que assim que nos acomodávamos e fazíamos os pedidos, os turistas já saíam para desbravar a praia. Eles andavam em direção às praias mais próximas, entravam nas lojas para conhecerem os produtos comercializados na região (quando havia), conversavam com os vendedores ambulantes para saberem mais detalhes sobre os produtos e experimentavam todos os tipos de frutas disponíveis. A fotografia 5 retrata um grupo de turistas passeando pelo calçadão para fazer compras em Guarapari.

Após acreditarem que já haviam explorado todas as possibilidades do local, os próprios turistas prontificavam-se para irem embora, tornando as frases “se quiserem ir embora, estamos à disposição” e “para onde vamos agora” duas das mais ouvidas durante a prática do roteiro.

Em outros casos observei que, como grande parte dos grupos que praticavam o mesmo roteiro era formada por pessoas com diferentes idades e limitações físicas, alguns indivíduos andavam rápido, chegavam ao destino com agilidade, exploravam alguns locais e logo estavam disponíveis para o partirem rumo ao próximo ponto de parada. Entretanto, aqueles que possuíam alguma limitação acabavam desacelerando o ritmo do grupo e deixando os mais ágeis aguardarem.

Em um dos dias de pesquisa de campo havia um senhor viajando sozinho. Durante praticamente todo o percurso pude observar que ele parecia bastante atento ao grupo, sempre interagindo e prestando atenção aos locais em que o grupo se reunia. Entretanto, no final do percurso do roteiro estávamos todos envolvidos com a visita das lojas de chocolate em Domingos Martins. Todos entravam, degustavam e escolhiam os chocolates preferidos para comprarem. Em meio a esta dinâmica o senhor se distanciou do grupo e quando a guia fez a contagem que sempre faz entre um local e outro, percebeu que faltava o simpático senhor. Ela pediu que aguardássemos entre a sorveteria e o museu que estávamos prestes a entrar, pois ela voltaria para procurar o senhor. Não demorou muito e a guia estava de volta com o senhorzinho, mas enquanto aguardávamos notei que as pessoas ficaram incomodadas por esperarem, como se estivessem perdendo muito tempo de seus passeios.

A necessidade de movimento gerada pelo sentimento de experimentação e descoberta não foi evidenciada apenas nos turistas, sendo compartilhada também pelos guias. Em um diário de campo registrei situações em que, por exemplo, para dar atenção aos turistas e não os deixar sem atividades, a guia procurou algo para fazer e nos chamou para ver os guaiamuns (um tipo de crustáceo de tom azulado).

Esta e outras situações registradas no diário de campo são referentes às características que regem o entendimento da prática de guiar (que pertence ao roteiro como prática) e envolvem a compreensão e a habilidade da guia ao lidar com determinadas atividades que compõem o roteiro como prática. Como pude observar, e depois constatar na entrevista, a guia que nos acompanhou naquele dia é uma pessoa que gosta de movimento, portanto, ela sempre se dirigia aos turistas para conversar com eles. Além disso, como o tempo foi suficiente para que todos

conhecessem o local e almoçassem, a guia logo procurou uma atividade para fazer depois do almoço.

## 8.7 #TAMBÉM QUERO

O tema “também quero” é caracterizado por um entendimento de mimetismo e está intrinsecamente ligado aos temas “*#tbt*” e “*#Always moving*” porque existe um compartilhamento implícito de que não basta cada indivíduo aproveitar e explorar o roteiro da forma que ele sente necessidade. O “também quero” parte da necessidade de agir como os demais sujeitos agem, parar exatamente nas mesmas lojas, conhecer tudo o que os outros turistas conheceram e fotografar os mesmos locais e com as mesmas poses.

Inúmeros exemplos de situações que ilustram este tema podem ser citados. Quando estávamos em frente aos principais pontos turísticos, as fotos eram reproduções das fotos anteriores. A primeira pessoa executava algumas poses, a segunda fazia as mesmas e outras mais, a terceira fazia as mesmas poses que a segunda fez e ainda fazia outras, a quarta pessoa também reproduzia algumas poses que as anteriores haviam feito, e assim sucessivamente.

Quando parávamos para comer, havia uma demora dos primeiros pedidos porque uma pessoa sempre esperava o pedido da outra para saber o que havia sido pedido e solicitar os mesmos produtos.

Em lojas então, as compras eram sempre muito parecidas, principalmente nas lojas de artesanato na entrada do Convento da Penha e na cachaçaria. Diversas vezes os turistas já haviam escolhido e comprado alguns produtos, mas quando viam outras pessoas comentando “comprei três camisas com a imagem do Convento da Penha naquela loja. Uma custa X e três camisas 2X” eles também se dirigiam para a loja e compravam três camisas. Na cachaçaria, mesmo após degustação, os turistas esperavam as primeiras pessoas de manifestarem acerca dos sabores que comprariam e só depois compravam os seus ou pediam a opinião de outras pessoas do grupo durante a degustação.

Também na cachaçaria houve um episódio engraçado sobre o tema “também quero”. Um grupo de turistas amigos experimentou os licores e cachaças. Cada casal comprou uma ou duas garrafas e foi para fora da loja conhecer o espaço da chácara composto por flores e animais. Quando todos estavam no espaço externo, um dos homens perguntou para outro qual sabor ele havia comprado e a resposta foi “licor de banana”. Imediatamente o senhor que perguntou novamente indagou “Como assim licor de banana? Como ninguém me contou que tem banana?” e voltou correndo para a loja e comprou um licor de banana sem experimentar. Quando ele voltou para fora da loja, logo disse “agora eu também tenho um licor de banana”.

Em outros locais, tais como o roteiro de montanha e praia a dinâmica de mimetismo observada foi semelhante. Quando as pessoas que estavam na frente compravam chocolate, todos compravam chocolate; quando algumas pessoas paravam para um picolé ou sorvete, várias pessoas também os compravam; ou quando uma pessoa parava para admirar algo que ninguém havia valorizado, muitas pessoas despertam sua atenção para o mesmo. Um relato do diário de campo descreve uma situação:

Hoje, diferente do que faz a maioria dos turistas, optei por fotografar a paisagem. Eu estava próxima a dois grupos que faziam várias *selfies* com um pequeno pedaço de praia ao fundo. Fiz algumas fotos panorâmicas das árvores e pedras roxas/avermelhadas que estão entre o mar e o mangue e as pessoas que estavam ao meu redor pararam para observar a beleza do local. Notei que imediatamente pararam de tirar fotos com o mar ao fundo para interagirem com a paisagem das pedras e árvores na beira da praia.

Neste dia a atenção dos turistas, que estava voltada para o mar, se alterou completamente na relação com um humano turístico, a pesquisadora turística, quando eles perceberam que a paisagem das árvores em meio às pedras poderia ser mais interessante e um diferencial daquela praia em relação às outras. O mesmo ocorreu quando um produto diferente foi identificado:

Ao chegar no restaurante para almoçar, notei que havia um artesão em frente ao restaurante vendendo anéis, colares e pulseiras. O artesão ficou bastante tempo parado expondo os produtos, mas ninguém levantou para ver. Como sou curiosa, me aproximei para conhecer as mercadorias que pareciam serem feitas de miçangas mas, para minha surpresa, eram de pedras. Pedras lindas, muito bem polidas e em perfeita harmonia com as cores das correntes e tamanhos dos produtos. Quando descobri que eram de pedras, a guia estava se aproximando e começamos a conversar sobre a beleza das bijoias. Logo várias turistas já estavam ao redor do artesão e, assim como eu, algumas não resistiram e já saíram da praia vestindo os novos acessórios.

Este exemplo acima retrata a necessidade que algumas pessoas sentiram de conhecer de perto o que outros turistas também estavam vendo. Os produtos estavam lá, disponíveis para todos, mas de longe pareciam lindos colares, anéis e pulseiras feitos de miçangas. A partir do momento que verifiquei que o material dos produtos possuía outra origem e comecei a falar com empolgação sobre ele, as pessoas queriam descobrir quais qualidades aqueles produtos possuíam para chamar minha atenção.

A dinâmica do #TAMBÉM QUERO na prática do roteiro na transformação de humanos em humanos turísticos revela como o material comercializado ao ser transformado em turístico vai além do comércio de um produto, mas uma produção que faz parte da prática do roteiro. Ou seja, o produto passa a ser consumido como parte do roteiro. Para que isso ocorra é necessária a interação com os humanos turísticos, seja ele um turista ou uma pesquisadora turística.

### 8.8 #TBT (*THROWBACK THURSDAY*)

O tema #tbt faz referência a uma das hashtags mais utilizadas nas redes sociais. O *throwback thursday* é utilizado durante as quintas-feiras para postar fotos antigas que remetam a inúmeras lembranças. A construção destas lembranças a partir de fotos foi o tema mais identificado em campo.

A facilidade de fotografar, armazenar, postar ou enviar as fotos para os familiares deixou evidente a estrutura teleoafetiva que organiza o roteiro como prática a partir de fotografias. Os diários de campo estão repletos de passagens com trechos tais como “Vamos ali tirar uma foto”, “Você pode tirar uma foto minha aqui?”, “Ai, eu quero tirar uma foto lá”.

Desta maneira, o roteiro como prática se organiza de forma que existe um compartilhamento social composto pelo objetivo de gerar lembranças e sentimentos vividos durante a prática do roteiro e recorrer a eles ao visualizar as fotos. Em um dos dias que pratiquei o roteiro, fiz as seguintes anotações no diário de campo:

Para aproveitar o lindo dia, fomos fotografar a Pedra Azul e suas redondezas. Como o sol estava em uma posição favorável à mudança de coloração da pedra, tiramos fotos de todos os ângulos. [...] Era foto sozinho, foto com o marido ou com o pai, foto da paisagem, um show de fotos!

A teleoafetividade que organiza o roteiro como prática, assim como as regras e entendimentos, não pode ser totalmente dissociada dos outros elementos evidenciados durante o compartilhamento dos temas. Tanto os temas quanto os elementos que organizam as práticas (regras, entendimentos e teleoafetividade) analisados neste trabalho compreendem fazeres e dizeres do roteiro como prática e estão em interação. Destas interações emergem do campo novas práticas, como, por exemplo, a relação das fotos (*#tbt*) e das belezas do estado (*#Conheça o Espírito Santo*) evidenciada na estrutura teleoafetiva.

## 8.9 #CONHEÇA O ESPÍRITO SANTO

A melhor forma de iniciar este tópico é com a descrição de um sentimento que eu, pesquisadora e capixaba, tive a grata surpresa de registrar em um diário de campo:

Quando saímos da van já ficamos apaixonados... O lugar é lindo! Acho que todos esperávamos uma praia comum com um quiosque na areia ou um restaurante com vista para a praia, mas era muito mais do que isso. Para começar o acesso ao restaurante se dá por meio de uma ponte de madeira com corrimãos de cordas por cima de um canal que une o mar e o mangue. Após atravessarmos a ponte, logo na entrada do restaurante havia uma plaquinha de madeira com o nome do restaurante, onde fomos recebidos com drink de cortesia por dois jovens e simpáticos garçons. [...] Quando chegamos ao restaurante, a visita ao galpão das paneleiras fez ainda mais sentido para a experiência daquele roteiro. A atmosfera simples, intimista, rústica e tranquila do local se uniu à simplicidade da produção das panelas que ocorre de modo rústico e artesanal.

Além de demonstrar as belezas do local, presentes na estrutura teleoafetiva da prática, o que havíamos acabado de ver estava intimamente conectado com a visita ao local anterior, fazendo ainda mais sentido ao compartilhamento da estrutura teleoafetiva gerada após chegarmos ao restaurante.

A teleoafetividade do roteiro como prática, ilustrada por roteiros do Espírito Santo, indicou que apesar do turismo na região ser pouco desenvolvido e divulgado, as pessoas que optam por visitarem o ES se surpreendem positivamente e desenvolvem uma relação muito próxima com a natureza, compartilhando elementos que fazem

parte da estrutura teleoafetiva do roteiro como prática. A fotografia 5 ilustra uma hashtag de divulgação do ES na internet que, a partir das minhas observações e interações com os turistas, retrata o sentimento que muitos deles levam do estado.

**Fotografia 5 - #AmorES**



Fonte: registro fotográfico realizado pela autora (2017)

Muitos turistas afirmam que o ES é muito bonito. Esta frase foi recorrente e, diversas vezes explicada pelos turistas. Segundo eles a cidade é limpa, organizada, não tem favelas (as casas da periferia são de alvenaria, portanto visualmente diferentes das típicas favelas do país), as pessoas são simpáticas em relação a outros estados visitados (um entendimento do qual eu não compartilho, mas a visão que tenho dos capixabas resulta, principalmente, do fato de eu ter morado no interior de Minas Gerais, onde qualquer ocasião é motivo para uma conversa mais intimista, regada a cafezinho e pão de queijo, e ao retornar para o ES perceber que os vizinhos sequer falam bom dia ao cruzarem pelo corredor) e, principalmente, os agentes de turismo são muito atenciosos (guias e motoristas - que colocam até banquinhos para facilitar a entrada e saída das pessoas do ônibus).

O compartilhamento dessa visão foi observado em momentos em que uma pessoa falava no meio de todo o grupo e automaticamente as pessoas começavam a conversar sobre isso; a lembrar de situações passadas e a comparar com outras cidades, como fez a senhora que me ouviu falar ser do ES e teve o prazer de ir conversar comigo para comparar Vitória e Salvador. Segundo ela, o turismo em



Salvador é “enganação”, a cidade é suja, as ruas têm cheiro ruim e são perigosas, então ela teve que andar o tempo todo agarrada na bolsa. Já no ES não. As cidades que ela havia conhecido eram muito limpas e tranquilas e, inclusive, no dia anterior ela e outras senhoras haviam ido andando, no início da noite, do Shopping Vitória até o hotel em que estavam hospedadas, na Praia do Canto, próximo ao Triângulo.

O relato do passeio acima demonstra o quanto a estrutura teleoafetiva gerada no roteiro como prática influenciou um passeio feito pelas senhoras. Uma vez que elas conheceram locais do roteiro que geraram o sentimento de segurança e fizeram com que elas reconhecessem Vitória como um local tranquilo, até mesmo a prática de andar pela cidade compartilhou elementos com a estrutura teleoafetiva do roteiro como prática. Em contrapartida, eu, como moradora de Vitória que reconheço os perigos da cidade, não realizaria o mesmo percurso que elas fizeram porque não compartilho da sensação de segurança que elas identificaram na prática do roteiro.

Os elementos teleoafetivos do roteiro como prática orientam não só as emoções dos praticantes, mas a intencionalidade ou a finalidade que eles compartilham em relação à prática. Portanto, uma finalidade que pode ser destacada é a interação com novos indivíduos, a necessidade de ir além da cordialidade ou gentileza em “#Gentileza gera gentileza”. A finalidade ou propósito que orienta a estrutura teleoafetiva do roteiro como prática será descrita no subtópico seguinte como #Miss simpatia.

#### 8.10 #MISS SIMPATIA

Dentre os elementos que a prática do roteiro compartilha, a simpatia vai além da formalidade e “obrigação” de ser educado. A simpatia envolve a interação entre os agentes da prática, os humores e afetos entre eles. Este elemento faz parte da dinâmica da prática e se destaca nas relações entre humanos e materiais turísticos por seu caráter de aproximar os humanos na prática do roteiro.

Identifiquei casos recorrentes de pessoas que inicialmente participavam e interagiam mais com o guia durante a prática do roteiro e, à medida que estas pessoas respondiam bem aos estímulos dos guias, outros integrantes do grupo também

demonstravam mais ânimo e proximidade entre eles e os guias, como foi o caso observado na interação entre duas senhoras, a guia e o restante do grupo. A cada nova informação da guia sobre o ES, as duas senhorinhas faziam um comentário e se mostravam positivamente surpresas. Seus comentários despertavam a atenção dos turistas e deixavam a guia mais empolgada para contar as histórias.

A interação entre guias e turistas ocorreu durante todos os roteiros, apenas com intensidades diferentes. Um caso específico destacado no diário de campo despertou minha atenção para a teleoafetividade do roteiro como prática:

Já em Vitória a guia disse que no dia seguinte faria outro passeio, portanto não faria o *transfer out* delas (um grupo de senhoras). A coordenadora do grupo agradeceu a guia e passou a palavra para outra senhora, que também agradeceu o carinho e paciência em nome do grupo e disse que para homenagear a guia elas cantariam uma seresta da terceira idade. Cantaram e foi muito fofo! A guia agradeceu e chorou, até eu chorei. A guia disse “cada grupo é um grupo! E eu fico muito feliz por ter conhecido vocês”. A senhorinha que puxou a seresta ficou brincando comigo que até eu tinha chorado e contou que o marido dela passou uns dias chorando porque ela enfartou 8 vezes e ele pensou que ela morreria, então quando ela falava para ele parar de chorar, ele queria se mostrar forte e dizia que não estava chorando, só havia caído um cisco no olho. Logo a senhorinha levantou o astral falando que ela melhorou mesmo e que tinha ficado super bem na viagem e feito todas as atividades. [...] Quando chegamos ao hotel todas as senhoras abraçaram a guia, tiraram fotos com ela e, por fim, ela foi presenteada com uma camisa do grupo.

A aproximação e integração entre guias e turistas resulta, também, na confiança construída entre eles. Este fenômeno foi descrito neste trabalho quando a guia falou que “guias e motoristas são peças fundamentais” porque se os guias mandarem os turistas comprarem, eles compram, mas se falarem para não comprar, eles não compram. Entretanto, este processo de interação pode ocorrer não só entre os turistas e guias, mas entre diferentes turistas. Um episódio do diário de campo deixou esta relação clara:

Uma das senhorinhas voltou para o restaurante e foi sentar, enquanto a outra continuou fazendo selfs. Como eu estava bem próxima a ela, logo me pediu para fotografá-la. Tirei fotos de um ângulo, de outro, ajeitei a canga dela, fiz umas fotos panorâmicas e ela me pediu para ensinar a fazer esse tipo de foto. Ensinei, tirei mais fotos dela... Por fim ela disse que estava adorando porque a cidade é muito bonita, muito limpa e as pessoas muito simpáticas.

O trecho acima evidencia a teleoafetividade discutida no tópico “#Conheça o Espírito Santo” e sua articulação com o elemento da teleoafetividade que orienta os indivíduos no sentido de buscarem a interação. Ressalto, porém, que estas interações ocorrem entre diversos elementos da prática. A análise da interação entre turistas e outros

agentes ocorre devido a possibilidade que a Teoria da Prática trás para o estudo do roteiro como prática.

Ao estudar os diversos elementos do roteiro e considerar que todos eles interagem e possuem influências sobre a prática, sujeitos desprivilegiados por outras abordagens são evidenciados como praticantes do roteiro. Em uma visita ao Galpão das Paneleiras de Goiabeiras, por exemplo, a guia nos mostrou como é o processo de produção das panelas de barro e, por sorte, neste dia havia um homem macerando o barro. Começamos a observar o trabalho dele e logo estávamos conversando com o simpático homem. Entretanto, as mulheres que estavam ao lado dele e eram responsáveis pela queima da panela não foram muito simpáticas e sequer responderam nossas perguntas, restando à guia as respostas.

Outro trecho que deixou clara a relação entre turistas e outros praticantes é descrito abaixo:

Após a conversa do almoço o garçom nos convidou para ver uma igreja que fica nos fundos da propriedade. [...] Todas fomos acompanhar o garçom. Primeiro ele nos levou para ver os guaiamuns. Fotos e mais fotos depois, fomos adentrando a propriedade, que parece uma vila só de casas da família. Logo atrás da casa principal tinha uma pequena plantação de bananeira. Um pouco mais à frente, as casas da família e logo conseguimos ver o portão que dava acesso à rua. O garçom abriu o portão, atravessamos e subimos as escadas até a igreja. [...] Lá do alto a vista era linda! Dava para ver a praia e parte da vegetação do mangue. Tiramos algumas fotos da igreja, mas a atração principal foi a vista. Todas ficamos encantadas e uma das mulheres logo disse “isso parece um mirante, de tão lindo!”.

A teleoafetividade relatada no caso acima, envolve diversos elementos discutidos neste trabalho. Existem regras de atendimento que regem a prática de atender (que faz parte do roteiro como prática), existe o desejo de explorar todas as possibilidades que o roteiro pode oferecer e há também a teleoafetividade que ocorre a partir da interação entre os turistas e os garçons que os agradam.

Como discutido anteriormente, as regras, entendimentos e teleoafetividade foram ilustrados separados como uma forma de representar cada elemento que organiza as práticas, mas todos eles estão imersos em uma mesma rede de práticas e influenciam e são influenciados um pelos outros.

## 9 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O confronto dos resultados obtidos nesta pesquisa com o referencial teórico demonstra diversas aproximações com as contribuições teóricas articuladas, além de contribuições teóricas adicionais para o campo de estudo.

Assim como indicam Cutler, Carmichael e Doherty (2014), observei que é de extrema importância o estudo da mobilidade no turismo durante todo o percurso de viagem. As observações e vivências do roteiro como prática ocorreram em todos os momentos da viagem, desde a chegada à agência de turismo, passando pela saída do hotel até o retorno a ele e à agência. O encantamento, as surpresas, as descobertas; estes e diversos outros sentimentos foram despertados no decurso de toda a experiência da prática do roteiro, não apenas nos destinos. Portanto, os estudos dos roteiros turísticos necessitam de uma abordagem que se diferencie das investigações do roteiro apenas como a descrição do itinerário de viagem e favoreça a complexidade existente na atividade turística (CISNE; GASTAL, 2011), neste caso, especificamente na prática do roteiro.

A abordagem dos estudos sobre roteiros turísticos que mais se aproxima do roteiro como prática é a abordagem geográfica literária descrita na pesquisa de Jiang e Xu (2016). Nela, assim como no roteiro como prática, os roteiros não são representados como um mapa estático, mas como um “mapa vivido”. Em outras palavras, a análise dos resultados do estudo do roteiro como prática é convergente com a abordagem adotada por Jiang e Xu (2016) pois ambas focam na investigação mais ampla do contexto, seguindo em direção oposta aos trabalhos que privilegiam as descrições textuais dos roteiros.

Os resultados da pesquisa empírica que realizei demonstram que os elementos: mundo, autor, texto e leitor – descritos na abordagem geográfica literária de Jiang e Xu (2016) – foram evidenciados de forma articulada. O mundo só foi vivido a partir da interação dos leitores (turistas) com os textos (caminhos) e esta interação ocorreu como uma consequência da escrita do autor (quem montou o roteiro), mas obteve diferentes interpretações.

As diversas interpretações e entendimentos compartilhados pelos indivíduos na prática do roteiro foram ilustrados pelos temas *#Outsider*, *#Always moving* e

#Também quero. Estes tópicos exemplificaram as variadas interações captadas em campo e demonstraram como estes entendimentos podem ser representados de diferentes maneiras, até mesmo quando não são compartilhados, como foi o caso da sessão em que me destinei a analisar os *outsiders* da prática do roteiro.

A partir do momento em que os *outsiders* de uma prática interagem com os elementos que compõem a rede de práticas, sejam eles humanos ou materiais, os *outsiders* começam a compartilhar os entendimentos da prática de forma que, tanto as interações humanas quanto os arranjos materiais comecem a fazer sentido.

Os arranjos materiais são um aspecto relevante da abordagem das práticas e resulta uma visão das interações diferente das perspectivas tradicionais, pois reconhece a interferência do material nas práticas. Esta materialidade foi destacada em variados exemplos dos temas de análise descritos e, assim como no trabalho de Rantala, Valtonen e Markuksela (2011), algumas vezes retratei como a materialidade do clima influenciou o roteiro como prática.

A influência da materialidade reflete, também, nas qualidades estéticas abordadas em Edensor (2001) e que surgiram durante a discussão dos resultados, especialmente no tema #Conheça o Espírito Santo. A organização dos espaços, tais como as praças floridas, a limpeza dos espaços e a beleza das montanhas capixabas foram qualidades estéticas amplamente destacadas por turistas e influenciaram nas análises dos elementos propostos por Schatzki (2002, 2005) e utilizados como base para o estudo do roteiro como prática.

As mesmas qualidades estéticas (STRATI, 1992) que durante a semana concedem à região da Pedra Azul características tais como simplicidade e tranquilidade, dada pelas estradas estreitas e de paralelepípedo, aos finais de semana e feriados podem alterar toda a dinâmica da prática do roteiro. Como o fluxo da visitação aumenta nestes dias, as ruas estreitas não suportam a quantidade de carros estacionados, o que obstrui a passagem em diferentes locais da região. Esta obstrução leva à construção de novos conhecimentos (*knowing*) a partir do momento em que os motoristas são obrigados a alterar o percurso que estava definido e os guias não podem completar o passeio, sendo obrigados a recorrer a conhecimentos na prática (*knowing*) o que revela a coerência de se tratar o conhecimento relacionado com o roteiro por meio dessa ótica em não na ótica do conhecimento estático (*knowlegde*).

Foi evidenciado na prática do roteiro a partir do domínio das informações históricas adquiridas durante o curso de guia turístico que esse curso faz parte de um processo de conhecer (*knowing*) (GHERARDI, 2009b; ORLIKOWSKI, 2002), que continuou se estabelecendo a partir da prática do roteiro e foi reconstituído constantemente segundo as práticas dos atores humanos e materiais, fossem eles turísticos ou não turísticos.

Muitas vezes, a interação entre elementos turísticos durante o roteiro, tais como turistas, guias e motoristas; e não turísticos, como por exemplo um congestionamento e os trabalhos de manutenção da cidade, alteraram o percurso do roteiro, emergindo novas relações e produzindo novos conhecimentos. Portanto, a análise dos resultados indica que a construção coletiva de conhecimento pode ocorrer por meio não só da tecnologia e da EPS, mas de outros elementos compartilhados na prática dos roteiros turísticos.

Na prática do roteiro o processo de conhecer, também refletido em Bispo (2012), Bispo e Godoy (2012), Roper e Hodari (2015) e Valtonen (2009) pode ser diretamente relacionado com a aprendizagem. São os processos de conhecer em uma prática e a aprendizagem coletiva desta prática que constroem um conhecer coletivo compartilhado pelos agentes da prática. O compartilhamento desse conhecer influencia na corporificação dos sujeitos em uma prática, assim como quando o entendimento do “turistar”, evidenciado em *#always moving*, incitou nos humanos turísticos a necessidade de explorarem todos os lugares pertencentes à prática do roteiro.

Ao passo que os indivíduos compreenderam, a partir daquele processo de conhecer, que o roteiro como prática necessitava de movimento e exploração dos locais para a compreensão do contexto, eles ficaram sempre atentos aos possíveis locais de visitação, às experiências que poderiam viver, por exemplo, ao subir a escadaria do Convento da Penha, à necessidade de perguntar sobre o estado ou de ouvir as informações passadas pelos guias.

Esse processo de conhecer marca como ocorre o movimento dos corpos dos indivíduos que, por meio da aprendizagem, é determinada pela prática (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2001, 2002) do roteiro. Consequentemente, o andar foi

estabelecido como um dos movimentos do corpo guiado pela prática, assim como o ouvir e o falar foram algumas formas de performatividade na prática do roteiro.

As performances reveladas nesta pesquisa foram identificadas a partir do momento em que eu, pesquisadora, me tornei uma *insider* da prática e pude compreender e reconhecer o significado das performances observadas para a prática do roteiro.

Apesar da corporificação e performatividade serem característica dos sujeitos, a abordagem do roteiro como prática tornou evidente que todos (corporificação, performatividade, sujeitos) pertencem à prática do roteiro, por isso defendemos a abordagem do roteiro como prática. Ela reconhece a importância de considerarmos a interação dos elementos humanos e materiais, turísticos e não turísticos, capazes de alterar a prática do roteiro, que se organiza constantemente.

O organizar (*organizing*) é descrito por Schatzki (2006) como uma (re)organização constante e, a abordagem do roteiro como prática, supera a visão de uma organização estática do roteiro que se realiza apenas de acordo com os procedimentos definidos pelos profissionais da agência. Observei que o *organizing* no roteiro como prática envolve diversos elementos da prática e até a configuração dos turistas ao se sentarem altera as interações e o organizar da prática. Desta maneira, embora os arranjos materiais que sustentam um roteiro sejam compostos por vários dos mesmos objetos (ônibus, placas, restaurantes) e locais de visita, a performance das ações e práticas dos sujeitos, destacadas por Schatzki (2006), estará rapidamente se alterando, principalmente devido ao fato dos elementos humanos no roteiro serem diariamente diferentes.

Esses elementos humanos que carregam diferentes práticas, que os tornam únicos, ao interagirem com outros humanos e com os arranjos materiais transformam a prática do roteiro. Ao analisarmos as condições em que as panelas de barro são produzidas, podemos notar que a produção da panela envolve elementos humanos e materiais que caracterizam a prática de fazer a panela de barro e possuem determinado significado dentro daquele espaço do roteiro. Portanto, se uma grande fábrica que produz em larga escala viesse a produzir panelas de barro utilizando os mesmos processos manuais utilizados pelas paneleiras de Goiabeiras, não faria sentido e a produção da empresa não seria viável devido longo tempo de produção que cada peça exigiria. Essa característica da prática é definida por Schatzki (2002) como ações

situadas no tempo e no espaço. Isso significa dizer que em outro tempo e outro espaço, as ações de uma prática não possuem o mesmo significado.

Podemos acrescentar ainda que uma mesma ação pode fazer parte de mais de uma prática (SCHATZKI, 2002). Como no caso em que a senhora guardou os lugares na poltrona da frente, mesmo sabendo que uma integrante do grupo era deficiente física, pois não queria perder o lugar para a deficiente. A ação de guardar lugar pode ser relacionada à prática de exploração do roteiro, por meio da melhor visão que o ônibus pode proporcionar. Também pode ser relacionada à prática da organização do espaço físico (ônibus) por meio da simples distribuição dos lugares. Entretanto, como a mesma senhora já tem o hábito de guardar seu lugar na frente em todas as viagens com o grupo, os demais turistas associaram tal ação a uma prática egocêntrica.

O foco no estudo das diferentes ações é uma característica dos EBP, que considera a prática composta por atividades que não são sempre iguais. Esta recursividade foi vivida e percebida em todas as práticas dos roteiros. Fui ao mesmo destino, com o mesmo guia e o mesmo motorista, mas as interações que ocorreram na agência antes de iniciarmos a vivência do roteiro, já alteraram sua prática. Estes elementos humanos turísticos interagiram entre eles e com outros elementos humanos não turísticos, como por exemplo, membros de suas famílias, que alteraram o humor dos guias e motoristas e interferiram em toda a dinâmica do roteiro. O mesmo aconteceu quanto da interação entre os humanos turísticos e materiais turísticos, tais como o micro-ônibus que precisava ser abastecido antes de buscarmos os turistas.

Assim como a recursividade é destacada como elemento importante nos EBP, no roteiro como prática ficou clara que a realização da prática do roteiro reconstruiu a própria prática de forma dinâmica. Embora o percurso ou mapa prescrito para sua realização fosse o mesmo, as interações existentes na prática do roteiro alteraram a prática, mesmo que existisse alguma semelhança.

A semelhança entre os roteiros como prática ocorre porque, segundo Schatzki (2002), existe uma inteligibilidade prática que, no caso do roteiro como prática, é o que faz sentido para que um sujeito realize determinadas atividades que compõem a prática. A inteligibilidade das práticas foi manifestada na prática do roteiro, por exemplo, a partir da necessidade de estar em constante movimento, de tirar muitas fotos e de experimentar todos os sabores que um roteiro pode proporcionar.



Analisei os exemplos acima segundo um grande tema dos fazeres e dizeres que compreendem os fenômenos que organizam as práticas, são eles: entendimentos, regras e teleoafetividade (SCHATZKI, 2002, 2005). Tais fenômenos, embora sejam classificados de forma separada, podem compreender as mesmas ações e orientar as atividades em torno de uma mesma prática.

A primeira análise foi decorrente das regras. Assim como descrito por Schatzki (2002), observei que as regras que organizam o roteiro como prática também são compartilhadas durante a socialização dos indivíduos e, embora as normas e instruções que orientam a prática do roteiro sejam as mesmas, as convenções sociais e princípios compartilhados podem ser diferentes porque envolvem a inteligibilidade da prática (SCHATZKI, 2002). Isso ocorre, principalmente, devido ao fato desses indivíduos serem de regiões diferentes. Desta maneira, à medida que os sujeitos se relacionam e interagem, o compartilhamento das regras começa a ser mais homogêneo.

O mesmo ocorre com os entendimentos que são compartilhados pelos indivíduos que estão imersos em uma mesma prática. Para um oficial que chega no quartel da Prainha em Vila Velha e vê os turistas fotografando uma pequena gruta, não faz sentido aquela foto pois para ele é apenas uma formação rochosa. Este oficial é um elemento humano não turístico do roteiro como prática e um *outsider* da prática. Aquela mesma gruta que para ele significa uma pedra, para os turistas que vivenciam a prática do roteiro representa o local onde o Frei Pedro Palácios se abrigou durante os anos de construção da capela dedicada a São Francisco de Assis, hoje conhecida como Convento da Penha. Portanto, o entendimento que os *insiders* da prática compartilham está relacionado ao sentido que determinadas ações possuem para uma prática (SCHATZKI, 2002).

Tanto os entendimentos quanto as regras que orientam o roteiro como prática estão relacionados com a teleoafetividade evidenciada em momentos tais como as interações geradas a partir da simpatia, dos sentimentos e emoções ao conhecerem parte do estado do ES e da necessidade de registrarem tais sentimentos em forma de fotos. Este último exemplo teleoafetivo está intimamente ligado a um entendimento que os elementos humanos compartilham; o entendimento de fazer aquilo que o outro fez, se aproximando de um mimetismo. Portanto, a interação de todos os elementos

da prática interfere, de maneiras diferentes, no roteiro como prática e são necessários para o estudo dos roteiros.

Ao ressaltar a necessidade de analisarmos as interações entre os elementos da prática, a abordagem do roteiro como prática se distancia dos estudos tradicionais na área de turismo, onde trabalhos como o de Cutler, Carmichael e Doherty (2014) segregam a experiência de uma jornada e de um destino. Como descrito, o roteiro como prática evidencia a necessidade da prática do roteiro ser analisada em sua totalidade, agregando jornada e destino, assim como turistas e profissionais de turismo enquanto elementos influenciáveis uns pelos outros e não dicotômicos.

Outra abordagem que se distancia do roteiro como prática aqui proposto foi evidenciada em pesquisas tais como Zhou e Zhao (2016) e Fageda *et al.* (2017), que se dedicam ao estudo dos roteiros turísticos como mapas prescritos.

Dentro dessa abordagem existem pesquisas que analisam como os roteiros turísticos podem ser influenciados pelo movimento turístico e, de acordo com os dados empíricos da presente pesquisa, pude compreender que o movimento dos turistas pode auxiliar o desenvolvimento do marketing e gerenciamento dos destinos, como afirmam Xia, Zeepongsekul e Packer (2011). Entretanto, existe a necessidade de considerarmos que o movimento turístico não ocorre sempre da mesma maneira.

A elaboração do roteiro, segundo a agência de receptivo, deve considerar, além do movimento turístico e da disponibilidade de visitação (dias e horários), os atrativos que os turistas querem conhecer. Conforme afirmou o gestor da agência, um fator que influencia nestes atrativos é a visita de outros turistas. Como evidenciei em um dos temas que demarcaram os fazeres e dizeres, os turistas tiram muitas fotos e postam em suas redes sociais, assim, os turistas que virão depois chegam ao estado do ES querendo conhecer os mesmos locais.

Desta forma, por mais que o fluxo seja representado pela quantidade de vezes que determinado caminho é percorrido, a análise do roteiro como prática demonstra que os interesses, necessidades e outros sentimentos imersos na rede de práticas do roteiro não podem ser comparados a um movimento sólido/rígido. O movimento turístico, que também faz parte do turismo como prática, é representado pela fluidez e pela recursividade característica da Teoria da Prática.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação discuti que as pesquisas acerca dos roteiros turísticos ainda são amplamente baseadas em abordagens tradicionais, que privilegiam a descrição de roteiros turísticos como mapas prescritos e rotas experienciais. Afirmando que a relevância do turismo no cenário mundial também precisa ser revelada nos estudos de tal área, a partir da utilização de abordagens que possibilitem novas perspectivas para o campo, especialmente abordagens baseadas na Teoria da Prática.

A perspectiva das práticas possui como característica a análise de elementos tais como entendimentos (SCHATZKI, 2005), arranjos materiais (SCHATZKI, 2002), qualidades estéticas (STRATI, 1992), performatividade (EDENSOR, 2001), *knowing* (NICOLINI; GHERARDI; YANOW, 2003) e *organizing* (CZARNIAWSKA, 2004, 2008); capazes de indicar novos conhecimentos acerca do campo que estuda os roteiros turísticos. Além disso, a abordagem do TAP proposta por Bispo (2016) sustenta a necessidade de novos olhares em relação ao turismo. A partir destes argumentos, propus uma abordagem do roteiro como prática baseada na epistemologia das Práticas segundo Schatzki (2001, 2002, 2003, 2005, 2006). Percorrendo as trilhas desta perspectiva teórica, discuti, a partir da articulação entre teoria e os dados empíricos, os fenômenos que organizam as práticas segundo Schatzki (2002), são eles: entendimentos, regras e teleoafetividade. Para tanto, o objetivo desta pesquisa foi compreender as práticas dos roteiros turísticos que envolvem uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória, no ES.

Para a coleta de dados, realizei análises das informações textuais e participei da dinâmica de roteiros turísticos comercializados por uma agência de turismo receptivo da cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Estas ações me possibilitaram três procedimentos de coleta de dados, quais sejam: pesquisa documental, entrevistas informais e observações participantes.

A análise dos dados revelou a partir da representação da proposta do roteiro como prática dez temas que demarcaram os fazeres e dizeres e estão relacionados com os elementos que organizam as práticas (SCHATZKI, 2002).

Inicialmente as análises e discussões dos dados demonstraram que o tempo altera toda a dinâmica da prática do roteiro e transforma a vivência e os significados dos

espaços. A articulação destes elementos demonstra a característica do roteiro como prática enquanto uma atividade situada no tempo e no espaço (SCHATZKI, 2002).

Já a gentileza, presente em diversas práticas do cotidiano, é uma regra tácita que, ao se manifestar na prática do roteiro tornou evidente que tal prática não é exclusivamente definida pelas diretrizes estipuladas pelos profissionais da agência e guias, como tratam os estudos que adotam abordagens tradicionais sobre o tema. O roteiro como prática inclui elementos materiais turísticos, como o carro que faz o transporte dos passageiros, suas poltronas, o microfone, entre outros; e os turistas, humanos turísticos. Esta relação evidenciou até a minha interação enquanto pesquisadora achando engraçada a relação entre materiais turísticos e humanos turísticos, a partir da noção de performatividade, descrita em Edensor (2007), dos humanos turísticos.

Esta performatividade foi visualizada, também, a partir da experimentação. O compartilhamento de regras que emergiu dos temas que demarcaram os fazeres e dizeres do campo deixou clara a relação dos humanos com a experimentação durante a prática do roteiro, evidenciada, muitas vezes, a partir de interações com materiais. Além disso, ficou evidente a possibilidade de elementos não turísticos serem transformados em turísticos na prática do roteiro.

Nas experiências aqui relatadas compreendi a capacidade da prática do roteiro transformar, pelo menos durante o roteiro, os gostos das pessoas. Por exemplo, quando o humano afirma não gostar de cebola, mas experimenta a cebola bêbada durante a prática do roteiro, como se o humano e o material que não se relacionam no cotidiano, homem e cebola, fossem transformados em humano turístico e material turístico na prática do roteiro. Desta forma, turista e cebola turística são vistos como elementos que se relacionam na prática do roteiro e indicam o caráter transformador da prática do roteiro sobre humanos e materiais a partir das interações entre a agência humana e não-humana (SCHATZKI, 2002).

Estas interações também orientam as regras que envolvem o atendimento no roteiro como prática e transformam humanos em humanos turísticos com expectativas relacionadas aos papéis assumidos nessa prática. Nessa transformação a prática indica expectativas referentes ao modo como os turistas, guias e motoristas esperam ser tratados, e desperta habilidades relacionadas a humanos e materiais turísticos.

Assim como a relação da experimentação durante a prática do roteiro altera humanos em humanos turísticos e materiais em materiais turísticos, as regras que envolvem o atendimento transformam o material, como o antepasto, em um material turístico que é oferecido para os turistas, passando a se relacionar nas habilitações da prática do roteiro. Desta maneira, o antepasto deixa de ser apenas um elemento material, com características dadas a partir de seus ingredientes, para se transformar em algo bom ou ruim, dado também em função das relações com o guia turístico dentro da prática do roteiro.

As relações que ocorrem na prática do roteiro também podem ser representadas através dos entendimentos que organizam a prática, uma vez que eles estão associados com a capacidade de um praticante entender ou não determinada prática e compartilhar este entendimento. Como evidenciei, o não compartilhamento de entendimentos entre turistas ocorre com certa frequência na prática do roteiro, principalmente por ser uma prática com características distintas das que comumente são realizadas no cotidiano das pessoas, tais como estudar e trabalhar. A prática do roteiro reúne em um curto espaço de tempo humanos de diversas regiões ou países em relações entre humanos e materiais que comumente nunca se relacionaram. Evidentemente isso remete a não compartilhamentos potenciais em diferentes níveis de uma prática que ocorre todos os dias na vida de um humano. Essa dessemelhança pode remeter ao entendimento de que a prática do roteiro seria a prática do dissenso, mas não é esse o caso, pois essa prática apresenta compartilhamentos que permitem lidar com o não compartilhamento, ao mesmo tempo em que propicia que ele ocorra.

Um dos elementos que respalda este compartilhamento é o entendimento da prática do roteiro como um constante movimento, em busca de explorar novos sabores, espaços e experiências. Esta busca pelo novo transforma a interação entre humanos, humanos turísticos, materiais e materiais turísticos. Neste contexto, ao passo que os turistas interagem com humanos e materiais não turísticos, estes se transformam em elementos turísticos, fazendo parte da prática do roteiro e propiciando, a partir de novos compartilhamentos, suporte necessário para o entendimento da prática. O entendimento de que nesta prática deve haver constante movimento, alterou, por exemplo meu papel de pesquisadora que observava e participava do roteiro para o papel de pesquisadora que monitorava e apoiava o grupo.

Outra característica que o movimento implicou na prática dos roteiros foi em relação à interação iniciada a partir do movimento e ancorada no entendimento de que se o outro fez, também farei. As ações que demonstram a necessidade de fazer o que o outro fez ilustram a performatividade da prática e aumentam as interações entre os turistas e até entre eles e os elementos não turísticos. Vendo por este ângulo, a dinâmica do querer fazer como o outro na prática do roteiro é capaz de transformar elementos materiais, como um terço comercializado na rua que dá acesso ao Convento da Penha, em elementos materiais turísticos a partir de uma produção que faz parte da prática do roteiro. Em outras palavras, em virtude da interação com os humanos turísticos, o produto passa a ser consumido como parte do roteiro.

Ao assumirem diferentes papéis na prática do roteiro, os materiais inicialmente não turísticos passam a fazer parte, também, da estrutura teleoafetiva da prática. As inúmeras fotos registradas por turistas e que remetem às lembranças do roteiro transformam a loja da Chocolates Garoto, um elemento material não turístico, em um elemento material turístico. Esta é mais uma evidência de que os fenômenos que organizam o roteiro como prática, sejam eles teleoafetividade, regras ou entendimentos, não podem ser totalmente dissociados, já que os elementos que compõem estes fenômenos fazem parte de diversas atividades da prática do roteiro. A partir da interação entre estes fenômenos emergem do campo novas práticas, o que evidencia o caráter organizacional enquanto um constante organizar (*organizing*) do roteiro como prática.

Esta foi uma característica evidenciada no trabalho e que levantou contribuições para a discussão de organizações. Pensar o roteiro fluido pode ajudar as empresas a compreenderem que a padronização dos roteiros turísticos pode representar um caminho equivocado, uma vez que a personalização dos roteiros oferece maior potencial para explorar a vivência e a experimentação dos turistas.

Esta (re)organização que ocorre no roteiro como prática possibilita que as estruturas teleoafetivas da prática sejam compartilhadas diariamente com diferentes turistas e adquiram significados variados. Estes significados decorrem da interação dos conhecimentos prévios (*knowledge*) que cada turista possui da prática e os conhecimentos que se estabelecem a partir da prática (*knowing*) que ele compartilha em determinado roteiro. Desta forma, em casos como quando o turista foi

surpreendido positivamente ao visitar o ES, a surpresa ocorreu porque o conhecimento prévio não concebia as belezas do estado, que foram reconhecidas a partir do constante processo de conhecer (GHERARDI, 2009b; ORLIKOWSKI, 2002) compartilhado na prática do roteiro.

O *knowing* é reconstituído de acordo com as práticas dos atores sociais (GHERARDI, 2009b; ORLIKOWSKI, 2002) e no roteiro como prática, essas práticas podem ser guiadas por intencionalidades e finalidades que giram em torno da necessidade de aproximação. Diferente da necessidade de explorar o roteiro que acaba gerando a aproximação, aqui, estar próximo é a finalidade, não um meio.

A simpatia que aproxima os turistas é capaz de proporcionar à prática do roteiro atividades que alteram a vivência do roteiro por meio de ações que, quando tomadas em conjunto são diferentes das ações que um determinado sujeito teria se estivesse sozinho. Esta característica compreende a recursividade prática que implica sua constante alteração (SCHATZKI, 2001).

Além de ter sido evidenciada nesta pesquisa, a recursividade, assim como outros elementos presentes na prática, necessita ser explorada por novas pesquisas na área de turismo. Para tanto, levantei nesta dissertação características dos EBP capazes de oferecer suporte teórico-empírico necessário para o estudo dos roteiros de forma que eles sejam contemplados como sugere Bispo (2016) a partir de uma perspectiva mais ampla.

Portanto, o roteiro como prática é uma oportunidade para ampliar o foco dos estudos sobre roteiros além das prescrições dos mapas e rotas experienciais, abrangendo, como proposto por Bispo (2016), os elementos não-turísticos e o papel que eles desempenham na compreensão da dinâmica do turismo e sua complexidade.

A aplicação da abordagem do roteiro como prática revelou a influência de todos os elementos na prática do roteiro e contribuiu para o campo despertando a necessidade de que a abordagem da prática seja utilizada para sanar as dicotomias entre elementos humanos e materiais, turísticos e não turísticos, enfrentadas em outras abordagens. Essa sugestão pode inspirar futuras pesquisas baseadas na prática no campo do turismo. Além disso, as limitações metodológicas desta pesquisa podem

indicar a necessidade de outras metodologias de pesquisa para os roteiros como prática.



## REFERÊNCIAS

- ADLER, J. Travel as performed art. **American Journal of Sociology**, v. 94, n. 6, p.1366-1391, 1989.
- ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional. **RAE**, v. 49, n. 3, p. 266-281, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003475902009000300003&lng=pt&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003475902009000300003&lng=pt&lng=pt). Acesso em: 12 abr. 2016.
- BAHL, M.; MURAD, I. G. Legado japonês e turismo em Curitiba (Paraná, Brasil). **Revista Iberoamericana de Turismo, RITUR**, Penedo, v. 1, n. 1, p. 47-62, 2011.
- BANSAL, P.; CORLEY, K. The coming of age for qualitative research: embracing the diversity of qualitative methods. **Academy of Management Journal**, v. 54, n. 2, p. 233- 237, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000151&pid=S0034-7612201200010001000001&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000151&pid=S0034-7612201200010001000001&lng=pt). Acesso em: 02 fev. 2017.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- BISPO, M. de S. Aprendizaje colectivo en el uso de la tecnología como práctica en las agencias de viajes: Un abordaje etnometodológico. **Estudios y perspectivas em Turismo**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, v. 21, n. 6, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S185117322012000600010&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185117322012000600010&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 19 jan. 2017.
- \_\_\_\_\_. Influência da tecnologia na gestão de uma agência de viagens: uma análise a partir da aprendizagem baseada na prática. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 1, n. 2, p. 126-140, dez. 2014a. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/315177069\\_A\\_INFLUENCIA\\_DA\\_TECNOLOGIA\\_NA\\_GESTAO\\_DE\\_UMA\\_AGENCIA\\_DE\\_VIAGENS\\_UMA\\_ANALISE\\_A\\_PARTIR\\_DA\\_APRENDIZAGEM\\_BASEADA\\_NA\\_PRATICA](https://www.researchgate.net/publication/315177069_A_INFLUENCIA_DA_TECNOLOGIA_NA_GESTAO_DE_UMA_AGENCIA_DE_VIAGENS_UMA_ANALISE_A_PARTIR_DA_APRENDIZAGEM_BASEADA_NA_PRATICA). Acesso em: 20 mar. 2017.
- \_\_\_\_\_. O Processo de organizar em agências de viagens: influências estéticas, etnometodológicas e práticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 161-182, 2014b. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/viewFile/678/634>. Acesso em: 21 fev. 2017.
- \_\_\_\_\_. Tourism as practice. **Annals of Tourism Research**, v. 61, p.170–179, 2016. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/journal/annals-of-tourism-research>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. The learning process of the use of technologies as practice: An ethnomethodological approach in travel agencies. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 6, n. 2, p. 160-180, 2012. Disponível em: <https://www.rbtur.org/rbtur/article/viewFile/501/565>. Acesso em: 17 mar. 2017.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational learning and communities-of-practice: toward a unified view of working, learning and innovating. **Organization Science**, v. 2, n. 1, p. 40-57, 1991. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.530.7851&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 12 set. 2016.

CANDIOTTO, L. Z. P. A territorialização do turismo rural no município de Francisco Beltrão – PR. **Bol. geogr.**, Maringá, v. 33, número especial, p. 74-90, 2015. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y0pd0iFzIMUJ:periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/download/31928/pdf+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 26 mar. 2017.

CARLILE, P. R. A pragmatic view of knowledge and boundaries: boundary objects in new product development. **Organization Science**, v. 13, n. 4, p. 442–455, 2002. Disponível em: < <https://pubsonline.informs.org/doi/abs/10.1287/orsc.13.4.442.2953> > Acesso em: 12 set. 2016.

CAVEDON, N. R. O método etnográfico em estudos sobre a cultura organizacional: implicações positivas e negativas. *In*: Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração, 23, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999. p. 1-15.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, M. de. Artes de Fazer. *In*: CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CISNE, R.; GASTAL, S. Nueva visión sobre los itinerarios turísticos: una contribución a partir de la complejidad. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 20, n. 6, p. 1449-1463, nov., 2011. Disponível em: <<http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V20/N06/v20n6a12.pdf>.> Acesso em: 20 out. 2017.

CORRADI, G.; GHERARDI, S.; VERZELLONI, L. Through the practice lens: Where is the bandwagon of practice-based studies heading? **Management learning**, v. 41, n. 3, p. 265-283, 2010. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1350507609356938>. Acesso em: 8 ago. 2016.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: **Artmed**, 2007.

\_\_\_\_\_. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. London: SAGE, 2012.

CUNLIFFE, A. On becoming a critically reflexive practitioner. **Journal of Management Education**, v. 28, n. 4, p. 407-426, 2004. Disponível em: [https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/cunliffe\\_\\_on\\_becoming\\_acritically\\_reflexivepractitioner.pdf](https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/cunliffe__on_becoming_acritically_reflexivepractitioner.pdf).> Acesso em: 24 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Reflexive inquiry in organizational research: questions and possibilities. **Human Relations**, v. 56, n. 8, p. 983-1003, 2003. Disponível em: < [https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/cunliffe\\_\\_reflexive\\_inquiry\\_in\\_organizational\\_research\\_questions\\_and\\_possibilities.pdf](https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/cunliffe__reflexive_inquiry_in_organizational_research_questions_and_possibilities.pdf).>. Acesso em: 27 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Reflexivity, learning and reflexive practice. *In*: ARMSTRONG, Steven J.; FUKAMI, Cynthia V. (Ed.). **The sage handbook of management learning, education and development**. London: SAGE, p. 405-426, 2009.

CUTLER, S. Q.; CARMICHAEL, B.; DOHERTY, S. The Inca Trail experience: Does the journey matter? **Annals of Tourism Research**, v. 45, p.152-166, 2014. Disponível em: <<https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20143112419>.> Acesso em: 14 nov. 2017.

CZARNIAWSKA, B. On time, space, and action nets. **Organization**, v. 11, n. 6, p. 773-791, 2004. Disponível em: < <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1350508404047251>.> Acesso em: 24 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008. Disponível em: < <https://www.emeraldinsight.com/doi/abs/10.1108/17465640810870364>.> Acesso em: 13 nov. 2017.

DANTAS, N. G.; MELO, R. S. Análise da metodologia de hierarquização de atrativos turísticos como instrumento para elaboração de roteiros turísticos no município de Itabaiana (PB). **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.147-163, abr. 2011.

DARBY, H. C. The regional geography of Thomas Hardy's Wessex. **The Geographical Review**, v. 38, n. 3, p. 426 – 443, 1948.

DE PAULA, D. R.; PEREIRA, A. P. C. O city-tour e sua inadequação para apreensão do espaço urbano de São Paulo: uma análise fenomenológica. **Revista eletrônica de turismo cultural**, v. 4, n. 2, p. 94–112, 2010. <https://www.revistas.usp.br/turismocultural/article/view/98412/97122>. Acesso em: 25 out. 2016.

DENSTADLI, J. M.; JACOBSEN, J. K. S. The long and winding roads: Perceived quality of scenic tourism routes. **Tourism Management**, v. 32, p.780-789, 2011. < <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517710001251>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

EDENSOR, T. Walking in the British Countryside: Reflexivity, Embodied Practices and Ways to Escape. **Body & Society**, v. 6, n. 3-4, p. 81-106, 2000. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1357034X00006003005>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Performing tourism, staging tourism (Re) producing tourist space and practice. **Tourist studies**, v. 1, n. 1, p. 59-81, 2001. Disponível em: <<http://www.nyu.edu/classes/bkg/tourist/a019896.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Mundane mobilities, performances and spaces of tourism. **Social & Cultural Geography**, v. 8, n. 2, April 2007. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/263594631\\_Mundane\\_Mobilities\\_Performances\\_and\\_Spaces\\_of\\_Tourism](https://www.researchgate.net/publication/263594631_Mundane_Mobilities_Performances_and_Spaces_of_Tourism)>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FAGEDA, X.; JIMÉNEZ, J. L.; PERDIGUERO, J.; MARRERO, K. Does market exit of a network airline affect airline prices and frequencies on tourist routes? **Tourism Management**, v. 61, p. 465-471, 2017. Disponível em: <<https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/20173181273>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. da. Quando a estratégia como prática encontra com a política pública de turismo : o contexto de um sindicato e de empresas associadas do turismo gastronômico no espírito santo. **Teoria e Prática em Administração**, v. 5, n. 2, p. 72-100, 2015. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/39237/quando-a-estrategia-como-pratica-encontra-com-a-politica-publica-de-turismo--o-contexto-de-um-sindicato-e-de-empresas-associadas-do-turismo-gastronomico-no-espirito-santo->>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

FELDMAN, M. S.; ORLIKOWSKI, W. J. Theorizing Practice and Practicing Theory. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1240-1253, 2011. Disponível em: <<https://cloudfront.escholarship.org/dist/prd/content/qt8g33n86c/qt8g33n86c.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.

FONTANA, A.; FREY, J. H. The Interview: From Neutral Stance to Political Involvement. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, p. 695-727, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GHERARDI, S. From organizational learning to practice-based knowing. **Human Relations**, v. 54, n. 1, p. 131-139, 2001. <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0018726701541016>> Acesso em: 13 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Organizational Knowledge: the texture of workplace learning**. London: Blackwell, 2006. Disponível em:

<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1350507608098118?journalCode=mlqb>  
Acesso em: 13 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. 'Communities of Practice or Practices of a Community?' In:  
ARMSTRONG S.; FUKAMI, C. (Orgs.) **Handbook of Management Learning,  
Education and Development**. London: SAGE, p. 514–30, 2009a.

\_\_\_\_\_. Introduction: the critical power of the "practice lens". **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009b. Disponível em: <  
[https://www.researchgate.net/publication/247748378\\_Introduction\\_The\\_Critical\\_Pow  
er\\_of\\_the\\_Practice\\_Lens%27](https://www.researchgate.net/publication/247748378_Introduction_The_Critical_Power_of_the_Practice_Lens%27)> Acesso em: 03 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Practice? It's a Matter of Taste! **Management Learning**, v. 40, n. 5,  
p. 535-550, 2009c.  
<<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1350507609340812>>. Acesso em 13  
ago. 2016.

\_\_\_\_\_. To start practice theorizing a new: The contribution of the concepts  
of agencement and formativeness. **Organization**, [Published online before print,  
September 21, 2015]. Disponível em:  
<<http://org.sagepub.com/content/early/2015/09/18/1350508415605174.full.pdf+html>>  
Acesso em: 11 nov. 2016.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GRAY, D. E. Research design mixed methods. In: GRAY, D. E. **Doing Research in  
the Real World**. London: SAGE, 2013, p. 189-206.

JARZABKOWSKI, P. **Strategy as Practice**: an activity-based approach. London:  
Sage, 2005.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: The challenges of a  
practice perspective. **Human Relations**, v. 60, n. 1, p. 5 - 27, 2007. Disponível em:  
<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0018726707075703>> Acesso em: 25  
fev. 2017.

JARZABKOWSKI, P.; LÊ, J. K. We have to do this and that? You must be joking:  
Constructing and responding to paradox through humor. **Organization Studies**,  
[Published online before print, June 15, 2016]. Disponível em:  
<<http://oss.sagepub.com/content/early/2016/06/14/0170840616640846.full.pdf+html>>  
Acesso em: 18 jul 2016.

JAYANTI, S.; SUARDANA, I. W.; KUSUMA NEGARA, I. M. Analisis kepuasan  
wisatawan terhadap variasi paket denpasar city tour. **Jurnal IPTA**, v. 2, n. 1, p. 21-  
23, July 2014. Disponível em:  
<<https://ojs.unud.ac.id/index.php/pariwisata/article/view/26845>>. Acesso em: 17 mai.  
2017.

JIANG, L.; XU, H. Reading, tourism, and geography consumption in literary places. **Tourism Geographies**, 2016. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/loi/rtxg20>> Acesso em: 17 mai 2017.

JOHNSON, G. *et al.* **Strategy as practice**: research directions and resources. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JÚLIO, A. C. **Estratégia como prática na produção do desfile de uma escola de samba**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2015. Disponível em: <[http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_9451\\_Disserta%E7%E3o%20Ana%20Carolina.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_9451_Disserta%E7%E3o%20Ana%20Carolina.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2016.

KHADAROO, J., SEETANAH, B. The role of transport infrastructure in international tourism development: A gravity model approach. **Tourism Management**, v. 29, p. 831-840, 2008. Disponível em: <[http://www.academia.edu/21979032/The\\_role\\_of\\_transport\\_infrastructure\\_in\\_international\\_tourism\\_development\\_A\\_gravity\\_model\\_approach](http://www.academia.edu/21979032/The_role_of_transport_infrastructure_in_international_tourism_development_A_gravity_model_approach)> Acesso em: 16 jul. 2017.

KHADAROO, J., SEETANAH, B. Transport infrastructure and tourism development. **Annals of Tourism Research**, v. 34, n. 4, p. 1021–1032, 2007. <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738307000837>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis**: An introduction to its methodology. London: Sage, 2004. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1094428108324513>> Acesso em: 07 fev. 2017.

LEIPER, N. The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. **Annals of Tourism Research**, v. 6, p. 390-407, 1979. Disponível em: <<https://franciscodosanjos.files.wordpress.com/2013/12/leiper.pdf>> Acesso em: 21 fev. 2017.

LEW, A.; MCKERCHER, B. Modeling tourist movements: a local destination analysis. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 2, p. 403–423, 2006. Disponível em: <<https://nau.pure.elsevier.com/en/publications/modeling-tourist-movements-a-local-destination-analysis>> Acesso em: 12 fev. 2017.

LI, X.; ZHOU, J.; ZHAO, X. Travel itinerary problem. **Transportation Research Part B**, v. 91, p. 332–343, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/303550799\\_Travel\\_Itinerary\\_Problem](https://www.researchgate.net/publication/303550799_Travel_Itinerary_Problem)> Acesso em: 20 jul. 2017.

MALINOWSKI, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Introdução: objeto, método e alcance desta investigação. **Ethnologia**, n. 6-8, p. 17-37, 1978. Disponível em: <

<https://pt.scribd.com/doc/33086118/MALINOWSKI-Bronislaw-Os-Argonautas-do-Pacifico-Occidental>> Acesso em: 18 jun. 2016.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOLINA, S. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

MORAES, W. V. de.; EMMENDOERFER, W. L. Turismo comunitário e inclusão social: Análise do Roteiro turístico de base comunitária do Projeto Boas Práticas na Serra do Brigadeiro – MG / Brasil. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos - ABET**, Juiz de Fora, v. 5, n. 3, p. 26 - 35, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://abet.ufjf.emnuvens.com.br/abet/article/view/2910>> Acesso em: 25 jul. 2017.

MORIN, E. Da necessidade de um pensamento complexo. *In*: MENEZES, F.; MACHADO, J. (Orgs.) **Para Navegar no Século XXI**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. 'Introduction: Toward a Practice-Based View of Knowing and Learning in Organizations', *In*: NICOLINI, D.; GHERARDI, S.; YANOW, D. (Orgs.). **Knowing in Organizations**. A Practice-Based Approach. London: M. E. Sharpe, p.3-31, 2003.

ORLIKOWSKI, W. J. Knowing in practice: enacting a collective capability in distributed organizing. **Organization Science**, v. 13, n. 3, p. 249–273, 2002. Disponível em: <<https://pubsonline.informs.org/doi/abs/10.1287/orsc.13.3.249.2776>> Acesso em: 22 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Using Technology and Constituting Structures: A Practice Lens for Studying Technology in Organizations. **Organization Science**, v. 11, n. 4, p. 404–428, 2000. Disponível em: <https://blogs.commonsgorgetown.edu/cctp-505-fall2008/files/2008/09/usingtechnologyand-constituting-structures.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2016.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PENG, H. ; ZHANG, J.; LIU, Z. ; LU, L. ; YANG, L. Network analysis of tourist flows: a cross-provincial boundary perspective. **Tourism Geographies**, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14616688.2016.1221443>. Acesso em: 17 mai. 2017.

RANTALA, O.; VALTONEN, A.; MARKUKSELA, V. Materializing tourist weather: ethnography on weather-wise wilderness guiding practices. **Journal of Material Culture**. v. 16, n. 3, p. 285–300, 2011. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1359183511413646>> Acesso em: 22 jan. 2017.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243–263, 2002. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.922.8711&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 08 ago. 2016.

ROPER, A.; HODARI, D. Strategy tools: Contextual factors impacting use and usefulness. **Tourism Management**, v. 51, p. 1-12, 2015. Disponível em: <<https://repository.uwl.ac.uk/id/eprint/1470/1/Strategy%20Tools-%20Contextual%20Factors%20Impacting%20Use%20and%20Usefulness%20.pdf>> Acesso em: 22 mar. 2017.

SANTOS, L. L. S. **O trem não pode parar**: reformando uma oficina de locomotivas. 311f. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/tatii/Downloads/Tese%20%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

SANTOS, L. L. S.; SILVEIRA, R. Por uma Epistemologia das Práticas Organizacionais: A contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 79-98, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198492302015000100079&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198492302015000100079&script=sci_abstract&tlng=es)> Acesso em: 26 out. 2016.

SANTOS, L.; ALCADIPANI, R. Por uma Epistemologia das Práticas Organizacionais: A contribuição de Theodore Schatzki. **Organização e Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 79-98, 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/12721>> Acesso em: 22 nov. 2016.

SCHATZKI, T. R. Introduction: Practice Theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR-CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Orgs.) **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London and New York: Routledge, 2001. p. 10-23.

\_\_\_\_\_. What Is a Social Practice? In: SCHATZKI, T. R. **The site of the social**: a philosophical account of the constitution of social life and change. Pennsylvania: Pennsylvania State University, p. 70-88, 2002.

\_\_\_\_\_. A new societist social ontology. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 174-202, 2003. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0048393103033002002>> Acesso em: 28 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. The sites of organizations. **Organization Studies**, v. 26, n. 3, p. 465-84, 2005. <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0170840605050876>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

SEIDL, D.; WHITTINGTON, R. Enlarging the Strategy-as-Practice Research Agenda: Towards Taller and Flatter Ontologies. **Organization Studies**, v. 35, n. 10, p. 1407-1421, 2014. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0170840614541886>> Acesso em: 16 ago. 2016.

SERVA, M.; JAIME JÚNIOR, P. Observação participante e pesquisa em administração - uma postura antropológica. **Revista de Administração de**



**Empresas**, v. 35, n. 3, p. 64-79, 1995. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a08v35n3.pdf> Acesso em: 18 jun. 2016.

SILVA, A. R. L. da; FANTINEL, L. D. Dilemas e Implicações do Uso da Observação enquanto Técnica em Detrimento da Etnografia. In: ENCONTRO DA ANPAD, 38, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração, 2014. p. 1-16.

SILVA, F. C. da *et al.* A política de circuitos turísticos de Minas Gerais: uma avaliação baseada na percepção de agentes estratégicos. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 10, n. 3, p. 369-379, 2012.  
 <[http://www.pasosonline.org/Publicados/10312/PS0312\\_12.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/10312/PS0312_12.pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2017.

SOICA, S. Tourism as practice of making meaning. **Annals of Tourism Research**, v. 61, p. 96–110, 2016. Disponível em:  
[https://econpapers.repec.org/article/eeeanture/v\\_3a61\\_3ay\\_3a2016\\_3ai\\_3ac\\_3ap\\_3a96-110.htm](https://econpapers.repec.org/article/eeeanture/v_3a61_3ay_3a2016_3ai_3ac_3ap_3a96-110.htm)> Acesso em: 17 jan. 2017.

SOUTO, L. R.; SANTOS, N. R. Z. dos.; VOGEL, H. M.; WEBER, M. A. Estudo da Viabilidade de Implantação de um Roteiro Turístico com Ênfase ao Turismo Cemiterial. **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 38, n. 2, p.831-846, mai./ago. 2016.

SOUZA, M. de.; ELESBÃO, I.; SCHAIDHAUER, M. Os benefícios do turismo rural: Caminhos de Pedra, Bento Gonçalves/RS. **Rosa dos Ventos - Revista do Programa de Pós-Graduação em Turismo Universidade de Caxias do Sul**, v. 3, n.2, p.216-227, Jul. 2011.

STONE, M. J. Impact of delays and cancellations on travel from small community airports. **Tourism and Hospitality Research**, v. 0, n. 0, p. 1–15, 2016.  
 <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1467358416637252>>. Acesso em: 14 out. 2017.

SU, B. Rural tourism in China. **Tourism Management**, v. 32, n. 6, p. 1438-1448, 2011. <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0261517710002487>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

SUDIARTA, I. N.; SUARDANA, I. W. Tourism destination planning strategy: analysis and implementation of marketing city tour in Bali. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, 227 (2016) 664-670. Disponível em:  
<https://scholar.google.co.id/citations?user=v6JvcMgAAAAJ&hl=id>> Acesso em:

TURETA, C.; LIMA, J. B. de. Estratégia como prática social: o estrategizar em uma rede interorganizacional. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 6, p. 76-108, 2011. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712011000600005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712011000600005&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 02 jul. 2016.

VALTONEN, A. Small tourism firms as agents of critical knowledge. **Tourist Studies**, v. 9, n. 2, p. 127-143, 2009. <

<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1468797609360600>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em Administração. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

WHITTINGTON, R. 'Strategy as Practice'. **Long Range Planning**, v. 29, n. 5, p. 731–735, 1996. <  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0024630196000684>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Completing the Practice Turn in Strategy Research. **Organization Studies**, v. 27, n. 5, p. 613 – 634, 2006. Disponível em: <  
<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0170840606064101>> Acesso em: 22 ago. 2016.

XIA, J.; ZEEPHONGSEKUL, P.; ARROWSMITH, C. Modelling spatio-temporal movement of tourists using finite Markov chains. **Mathematics and Computers in Simulation**, v. 79, n. 5, p. 1544-1553, 2009. Disponível em:  
<<https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1480334>> Acesso em: 18 jun. 2017.

XIA, J. C.; ZEEPHONGSEKUL, P.; PACKER, D. Spatial and temporal modelling of tourist movements using Semi-Markov processes. **Tourism Management**, v. 32, p. 844-851, 2011. Disponível em:  
<<https://espace.curtin.edu.au/handle/20.500.11937/19347>> Acesso em: 18 jun. 2017.

YANG, Y.; FIK, T.; ZHANG, J. Modeling sequential tourist flows: where is the next destination? **Annals of Tourism Research**, v. 43, p. 297–320, 2013. Disponível em:  
<https://geog.ufl.edu/files/YANG-fik-and-zhang-2013.pdf>> Acesso em: 16 jul. 2017.

ZHENG, X.; GUO, X. Online engagement investments of online travel agencies: a game-theoretic approach. **Journal of Electronic Commerce Research**, v. 17, n. 3, p. 256 – 265, 2016. Disponível em:  
<[http://www.jecr.org/sites/default/files/17\\_3Paper4.pdf](http://www.jecr.org/sites/default/files/17_3Paper4.pdf)> Acesso em: 16 jul. 2017.